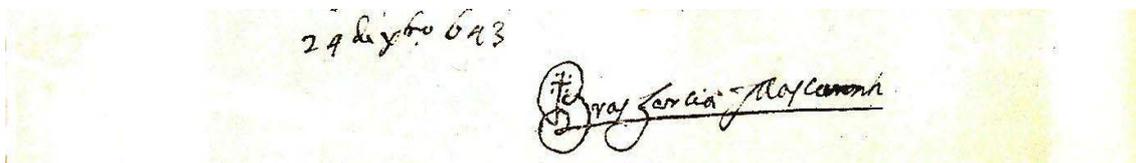


ALBANO JOSÉ RIBEIRO DE ALMEIDA

BRÁS GARCIA MASCARENHAS
AVENTUREIRO, GUERREIRO E POETA

COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2010



ALBANO JOSÉ RIBEIRO DE ALMEIDA

BRÁS GARCIA MASCARENHAS
AVENTUREIRO GUERREIRO E POETA

Tese de Mestrado em História Moderna: Poderes,
Ideias e Instituições orientada pela Professora
Doutora Margarida Sobral Neto.

COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2010



Dom Garcia Mascarenhas,
Governador da Praça do Alentejo.

Imagem extraída da 2.^a edição do *Viriato Trágico*

Agradecimentos

Aos meus Pais, já ausentes, mas sempre presentes.

À Maria Augusta, excelsa companheira de 50 anos.

Aos meus Filhos e Netos.

*Aos meus Amigos, pela sua tolerância e aos meus Inimigos,
pela sua crítica pronta.*

*À Senhora Professora Doutora Margarida Sobral Neto, minha
Professora e Orientadora de Tese, pela sua tão elevada competência
e pela preciosa ajuda que prontamente sempre me prestou.*

Introdução

A vida dos Heróis, Aventureiros ou Guerreiros, encerra situações de certo misteriosas. Circunstâncias várias - o seu arrojo, coragem, visão, o seu desaparego à vida, a sorte, a sua audácia - leva-os à consumação de actos que os colocam acima, muito acima, do comum dos mortais. De alguns fala a História: Hércules, Viriato, Afonso de Albuquerque, Vasco da Gama... Outros foram esquecidos ou são pouco lembrados.

Brás Garcia Mascarenhas foi um herói da Guerra da Restauração. Toda a sua vida foi pautada pela audácia, visão estratégica, arte de fazer a guerra. É uma figura apaixonante, um patriota generoso, um nobre de sangue, genial e hábil, que marcou uma fase importante na luta pela sobrevivência e independência nacionais.

Desde sempre, isto é, desde que ingressámos no ensino secundário, assim chamado ao tempo, que, no nosso imaginário, se mantinha a figura de Brás Garcia – patrono do colégio que frequentámos; o primeiro estabelecimento de ensino daquele nível académico – 1º, 2º e 3º ciclos – que surgiu, na região de Oliveira do Hospital em 1930 e que gozou de reputado prestígio a nível nacional. Foi à existência desta escola que se ficou a dever a possibilidade da frequência daquele nível de ensino dos jovens da região; sem ele, dizemos nós, que 90% daqueles jovens teriam ficado pela instrução primária e, naturalmente, sem possibilidade de sair das profissões próprias das zonas rurais em que viviam, o que seria o nosso caso.

Sem qualquer elemento de consulta, fomos procurando conhecer e colher dados sobre aquela figura lendária do aventureiro, do guerreiro e do poeta. E com o decorrer dos anos, e já foram muitos, fomos juntando novos dados para o “*puzzle*”, e assim aumentando o nosso interesse por melhor conhecer toda a sua vida.

Mais tarde, foi possível conhecer e analisar o poema *Viriato Trágico*, única obra de Brás Garcia que o tempo preservou, e aí foi possível conhecer a dimensão do poeta, o valor da obra que nos deixou, o seu valor como militar, como autodidacta nas artes bélicas, como incontestado chefe e condutor de homens.

Por estes motivos, afectivos, psicológicos, humanos, de gratidão, procuramos saber e escrever sobre “*esse*” Brás Garcia.

Com este trabalho pretendemos, assim, prestar uma humilde homenagem a Brás Garcia de Mascarenhas e ao Colégio Brás Garcia de Mascarenhas, encerrado e substituído por outros estabelecimentos oficiais, em 1970.

Ao aprofundar os nossos estudos no âmbito do mestrado em História Moderna descobrimos que ao estudo da vida e da obra de Brás Garcia já se tinham dedicado duas figuras cimeiras da cultura portuguesa, nascidas no concelho de Oliveira do Hospital: os Doutores António Garcia Ribeiro de Vasconcelos¹ (1860-1941) e José Vitorino Pina Martins (1920-2010)².

António de Vasconcelos nasceu na localidade de São Paio de Gramanços e Pina Martins em Penalva de Alva. Publicou um estudo sobre Brás Garcia em 1922, facto que pode ter influenciado a atribuição do nome do poeta ao colégio. Por sua vez, Pina Martins foi aluno deste estabelecimento de ensino nos anos iniciais da sua vida escolar.

O estudo do Dr. António de Vasconcelos intitula-se Brás Garcia Mascarenhas. *Estudo de Investigação Histórica* e foi publicado, pela primeira vez, na Revista da Universidade de Coimbra, volumes, I, II e III. Em 1996, a Fundação Calouste Gulbenkian, publicou uma reedição fac-similada com apresentação de Pina Martins, edição que seguimos neste estudo. Nesta obra incluiu ainda um artigo de autoria de Carlos de Mesquita, intitulado *Estudo crítico-literário*, sobre a obra *Viriato Trágico*, anteriormente publicado (1907) na *Gazeta da Beira*.

Na apresentação da obra escreve Pina Martins: “A reedição do livro de António de Vasconcelos sobre Brás Garcia de Mascarenhas propõe-se ser uma homenagem a duas grandes personalidades da Beira, naturais do concelho de Oliveira do Hospital, o próprio Poeta e o seu Sábio biógrafo [...]. Se o primeiro teve na vida aventuras e se bateu heroicamente no Brasil contra os holandeses e em Portugal contra os Espanhóis, merece também o culto de quantos amam a

¹ O Doutor António de Vasconcelos foi director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fundador do Instituto de Estudos Históricos e primeiro presidente da Academia Portuguesa de História e Director do Arquivo da Universidade de Coimbra.

² O Doutor Pina Martins foi uma figura invulgar da cultura portuguesa. Desempenhou vários cargos, nomeadamente o de presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Poesia e a Língua Portuguesa. O Doutor António Garcia de Vasconcelos foi, por seu lado, um professor catedrático insigne da Universidade de Coimbra: liturgista competentíssimo, historiador metuculoso, paleógrafo distinto, escritor primoroso, fiolólogo e ainda – convém não esquecer-lo – gramático rigoroso”³. Em apreciação à obra escrita por António de Vasconcelos sobre Brás Garcia escreve “António de Vasconcelos não romanceia, não fantasia, não inventa. Narra e descreve com base nas fontes”⁴.

Na verdade, o historiador procedeu a uma investigação exaustiva em diversos arquivos – paroquial de Avô, distrital de Coimbra e Torre do Tombo – o que lhe permitiu fundamentar tudo o que escreve e, para além disso, reunir um extenso apêndice documental que publica em anexo à sua obra.

Procurámos obter alguns elementos novos, quer em Olinda/Brasil, na biblioteca da sua Universidade, quer nas residências, sua ou de seus familiares, na região da Beira; mas tudo foi infrutífero, o que se deve a, ou a incapacidade nossa, ou ao desaparecimento dos mesmos, ou ainda às duas causas.

O interesse de Pina Martins pelo poeta Brás Garcia, bem como a qualidade atribuída por este especialista da cultura renascentista ao Poema Heróico, *Viriato Trágico*, levaram-no a publicar, em 1996, uma reedição fac-similada da primeira edição desta obra, na qual incluiu um “Estudo sobre o valor literário do *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas”⁵. Foi esta edição que utilizamos neste estudo lendo-o sobretudo como uma fonte para o estudo da vida do poeta aventureiro de Avô.

A primeira edição do poema glorioso *Viriato Trágico* foi publicada, em 1699, em Coimbra, Na Officina de Antonio Simoens, Impressor da Universidade, sendo editor do mesmo Bento Madeira de Castro, um descendente de Brás Garcia, que foi capitão-mor de Avô e Cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

³ António de Vasconcelos, *Bras Garcia Mascarenhas. Estudo de investigação histórica*. Reedição fac-similada com apresentação de José V. de Pina Martins, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. XIII.

⁴ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. XI.

⁵ Bras Garcia Mascarenhas, *Viriato Trágico em poema heroico escrito por [...]*. Reedição fac-similada com apresentação de José V. de Pina Martins, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. A partir de agora citaremos esta obra com as iniciais, V.T.

Bento Madeira de Castro foi o primeiro biógrafo de Brás Garcia de Mascarenhas. Esta biografia do poeta intitula-se “Breve Resumo da vida de Brás Garcia de Mascarenhas”, que foi incluído na primeira edição do poema. Neste texto se inspiraram muitos autores, nomeadamente Diogo Barbosa Machado que praticamente o reproduz na sua obra *Bibliotheca Lusitana*⁶.

Uma segunda edição do poema heroico foi publicada em 1846, dirigida e custeada pelo Dr. Albino de Abranches Freire de Figueiredo, natural de Côja. Nesta segunda edição, houve a ideia, que entendemos infeliz, de modernizar a ortografia, viciando, também por isso, e ainda mais, o texto da “*editio princeps*”. Nesta publicação foram igualmente incluídas umas “Notas biográficas” que acrescentam alguma informação relativa à participação do poeta de Avô na guerra da Restauração⁷.

Brás Garcia escreveu o poema heróico *Viriato Trágico* em XX Cantos. Como figura central do seu poema escolhe *Viriato*, general e chefe guerreiro dos Lusitanos, que viveu no século II A.C. e foi assassinado, por traição, no ano de 140 A.C., durante o consulado de Quinto Servílio Cipião.

Logo no primeiro canto, intitulado *Occasião*, apresenta deste modo o herói inspirador do seu poema, Viriato:

*“Canto hum pastor, amores & armas canto;
Canto o Rayo do monte, & da campanha,
Terror de Itália, & do mundo espanto,
Gloria de Portugal, honra de Hespanha:
Triumphante da Águia, que triumphando tanto,
Tanto a seus rayos tímida se acanha,
Que à treyção, sò dormindo, o vio rendido,
Porque desperto nunca foy vencido”⁸.*

*[...Dezoito lustros de anos pelejando,
Toda a potência bellica romana
Não pode, já perdendo & já ganhando,
Acabar de render Lusitana
Quando do centro (que ditoso!), quando*

⁶ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tomo I, Coimbra, Atlântida Editora, 1966, pp. 545-546.

⁷ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, pp. 92-95.

⁸ V.T., I, 1.

*Da Beira (ó Beira em tudo soberana!)
Viriato empunhou (ventura estranha!)
O cajado, que foi ceptro de Hispanha⁹”.*

*[...]“Temos em Viriato um verdadeiro
E feliz mestre de Milícia antiga,
Que Hispanha não criou melhor guerreiro,
Nem algum haverá, que o contradiga.
Debuxando o deixei de pegureiro;
Primeiro que o debuxe com loriga,
Quero representar a que potência
Formidável se opôs na adolescência”¹⁰.*

Cada um dos Vinte Cantos tem o seu “argumento”, desde o Canto I – *Ocasião*, que fala de Viriato e Ulisses, ao IV – *A Milícia Portuguesa*, assinalando os Portugueses da Lusitânia, ao V, a *Louca Emulação*, os defeitos da Gente Lusitana, ao VII – *Vingança*, Viriato percorrendo a Hispânia pedindo auxílio para derrotar Galba, ao VIII – *Fortuna*, a chegada a Roma da Glória do “pastor-imperador” dos Hermínios, ao XIV – *Retirada*, descrevendo as arremetidas de Viriato contra Fábio, ao XV – *Sonho*, em que Viriato sonha o futuro.

E, “a pedido de Viriato”, é neste canto (XV) que o Poeta apresenta uma breve História de Portugal bem como episódios da sua vida.

*“Ve sonhando as futuras Monarchias
Viriato de Godos, & Romanos,
Árabes, & Hespanhoes, que em fantasias
Somnolentas se vem os bens & danos.
Ventras e desventuras, prophecias,
Que há da restauração dos Lusitanos,
Seu antigo valor, & novo estado
Lhe conta hum solitário magoad”¹¹.*

O poema termina no Canto XX, intitulado *Tragédia* que conta a morte por traição de Viriato.

O *Viriato Trágico* ainda não foi objecto de um estudo profundo. As histórias da literatura não se referem com detalhe ao poema. Óscar Lopes e António José Saraiva escreveram que este poema “é uma obra curiosíssima, não como poema heróico, pois, à excepção da metrificação em oitava rima e de umas vagas tinturas

⁹ V.T., I, 13.

¹⁰ V.T., II, 4.

¹¹ V.T., XV, Argumento.

mitológicas, infringe as regras e o tom do género, mas como romance histórico cheio de realismo, calejado de um militar veterano que as convenções verificatórias clássicas só prejudicam”¹².

Pina Martins, considera, entretanto, que Brás Garcia “foi leitor de Sá de Miranda e de Camões, mas também de Petrarca, Ariosto, Garcilazo, Gongore e Marino, considerando que a sua cultura clássica não é superficial”. É ainda de opinião que Brás Garcia não ocupa, na nossa história literária, o lugar de relevo que indiscutivelmente merece, não obstante alguns defeitos que só o desvalorizam porque os críticos portugueses nem sempre são leitores atento e intérpretes rigorosos”¹³.

Pina Martins resume, assim, as características mais relevantes do poema:

- 1) “As descrições, a que o poeta transmite toda a sua sensibilidade, da beleza natural do vale por onde ora desliza ora saltita o seu pátrio Alva.
- 2) A associação da natureza à injusta morte de Viriato, que não receou avisos misteriosos e desafiou a traição dos seus assassinos.
- 3) Algumas descrições de batalhas pelo seu realismo e, ainda, pelas provas dadas pelo poeta em relação ao seu conhecimento profundo da guerra ofensiva e defensiva.
- 4) A observação do ambiente e do comportamento dos animais da floresta e da montanha, nos seus combates e na paciência que precede os seus ataques fulmíneos.
- 5) Algumas reflexões fulminantes de uma filosofia de bom senso”¹⁴.

O *Viriato Trágico* lido como uma fonte histórica, cruzada com outras fontes primárias, muitas delas já divulgadas pelo Dr. António de Vasconcelos, são os guias que seguiremos no sentido de conhecer alguns traços da vida do poeta, militar e homem da Beira que foi Brás Garcia de Mascarenhas.

¹² *História da Literatura Portuguesa*, 5ªed., [s.a.], pp. 395-396.

¹³ José Vitorino de Pina Martins, “Estudo sobre o valor Literário do *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas”, in V. T., *ob. cit.*, pp. XLIII.

¹⁴ *Ibidem*, p. XLII.

1ª Parte – O Homem e a Terra

Capítulo I – Origens familiares de Brás Garcia de Mascarenhas.

Brás Garcia de Mascarenhas ou Brás Garcia Mascarenhas, nasceu na vila de Avô, no concelho de Oliveira do Hospital, em 3 de Fevereiro de 1596 e ali faleceu, em 8 de Agosto de 1656.

“Segundo o costume da época foi um menino baptizado ao 8º dia, no sábado 10 de Fevereiro, sendo lhe dado o nome de Brás, não porque S. Brás fosse evocado como padrinho de baptismo, mas por ter nascido no dia em que se festeja aquele santo, havendo-se dado além disso a circunstância de 2 anos antes, no mesmo dia e à mesma hora, ter nascido o irmão Manuel”¹⁵.

Brás Garcia refere-se no seu poema ao seu nascimento bem como ao do seu irmão:

*“Dois anos antes (o contá-lo espanta),
Três do segundo mês, dia do prelado
Santo, e nosso advogado da garganta,
Mal de que fui grão tempo atribulado,
Nasceu outro irmão meu, a quem por santa
Devoção, foi na pia o nome dado
Que na circuncisão, se deu primeiro
A quem nos redimiu do cativoiro”¹⁶.*

*“No mesmo dia e na mesma hora,
Que ele nasceu, nasci para me darem
Do santo, o nome, que ignorância fora
Ao que ele advertiu, não repararem.
O descanso, que não conheço agora,
Então passou por mim, sem mo mostrarem,
Que nenhum há no mundo tão perfeito
Como o gozado no materno peito”¹⁷.*

¹⁵ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, pp. 21 e 22

¹⁶ V.T., XV, 30.

¹⁷ V. T., XV, 31.

Nasceu de famílias nobres: ramo Garcia de Mascarenhas, por parte do pai, Marcos Garcia e ramo Madeiras Arrais, por parte da mãe, Helena Madeira. Marcos Garcia era filho de Ana Marques e de António Alves de Abranches, casados em Bobadela, onde, aliás, também foi baptizado. Esta família, muito numerosa, constituía a casa Garcia de Mascarenhas. Helena Madeira era filha de Simão Garcia e de Verónica Nunes, constituindo a casa Madeiras Arrais.

Marcos Garcia e Helena Madeira, ele de 27 anos e ela de 23, casaram em Avô, numa segunda-feira, em 19 de Agosto de 1591.

Segundo depoimentos de testemunhas inquiridas nos processos *de genere, vitae et moribus* que se organizaram para as ordenações dos irmãos de Brás Garcia, os pais pertenciam a famílias “*muito principais assi na villa de Bobadela como nesta villa de Avô donde eram naturais huns e outros, e como tais sempre forao tidos e ávidos, governando a terra e servindo os officios mais honrados della*”¹⁸. Faziam, assim, parte da gente da governança da terra.

A sua residência¹⁹, uma casa de modestas dimensões, tinha aspecto afidalgado, com portas e janelas manuelinas, dando ares de um vasto mirante senhorial, donde se poderia ver deslizar, por entre o arvoredado, as mansas águas do encontro de dois rios – o Alva e o Alvoco –, confundindo-se no poético e formoso lago, o Pego²⁰.

Do casamento de Marcos Garcia com Helena Madeira nasceram 11 filhos, de que indicamos os nomes e as datas de baptismo:

Feliciano Monteiro (11 de Junho de 1592); Manuel Garcia (10 de Fevereiro de 1662); Brás Garcia Mascarenhas (10 de Fevereiro de 1596); Verónica Nunes (6 de Dezembro de 1597); Maria Garcia (21 de Dezembro de 1599); Pantaleão Garcia (5 de Agosto de 1601); Ana Monteiro (15 de Setembro de 1603); Isabel Garcia (6 de Março de 1605); Matias Garcia (3 de Março de 1607);

¹⁸ António de Vasconcelos, *ob. cit.* p. 18.

¹⁹ Esta casa, que sofreu várias obras, modificações e acrescentos, algumas recentes, passou à posse plena do poeta por doação das suas 2 irmãs, as únicas sobreviventes na data da escritura, em 27 de Janeiro de 1681.

²⁰ V. T., XV, 29.

Antónia Garcia 2 de Novembro de 1608); Francisco Garcia (9 de Março de 1612)²¹.

Do Anno de 1591.

*Aos dezanne de Ag. recebi eu Ant^o Diaz Vig^o a Marcos gracia
filha de Ant^o alui e de sua molher Anna Marques já defunta
m^{os} na Bobadella com Ilena mad^{ra} filha de*

*de sua molher Varoniqua nunez já defuncta m^{os} em esta dita
villa de Avo. Forão t^{as} os p^{res} Christouão Glz. e Diogo piz bene-
ficiados nella Igreja e o p^e nunez cura em Aldea das Dez, e o p^e
Bernardo Caramello cura em Villa Pouqua. e outros m^{os}*
Ant^o Diaz Vig^o

Assento de casamento de Marcos Garcia e Helena Madeira²²

“Do Anno de 1591

Aos dezanne de Ag, ^{to} recebi eu Antonio Diaz Vig.^{to} a Marcos Gracia filho de Ant^o Alvares e de sua molher Anna Marques já defunta m^{os} na Bobadella com Ilena mad.^{ra} filha de.... (continua doze folhas à frente, entrecalando outros assentos, completando a 1^a parte) e de sua molher Varoniqua Nunez já defuncta m^{os} em esta d^{ta} villa de Avo. Forão t^{as} os p^{res} Christouão Glz e Diogo piz beneficiados nesta Igreja e o p^e Po nunez cura em Aldea das Dez, e o p^e Bernardo Caramello cura em Villa Pouqua, e outros m^{os}.

António Diaz²³

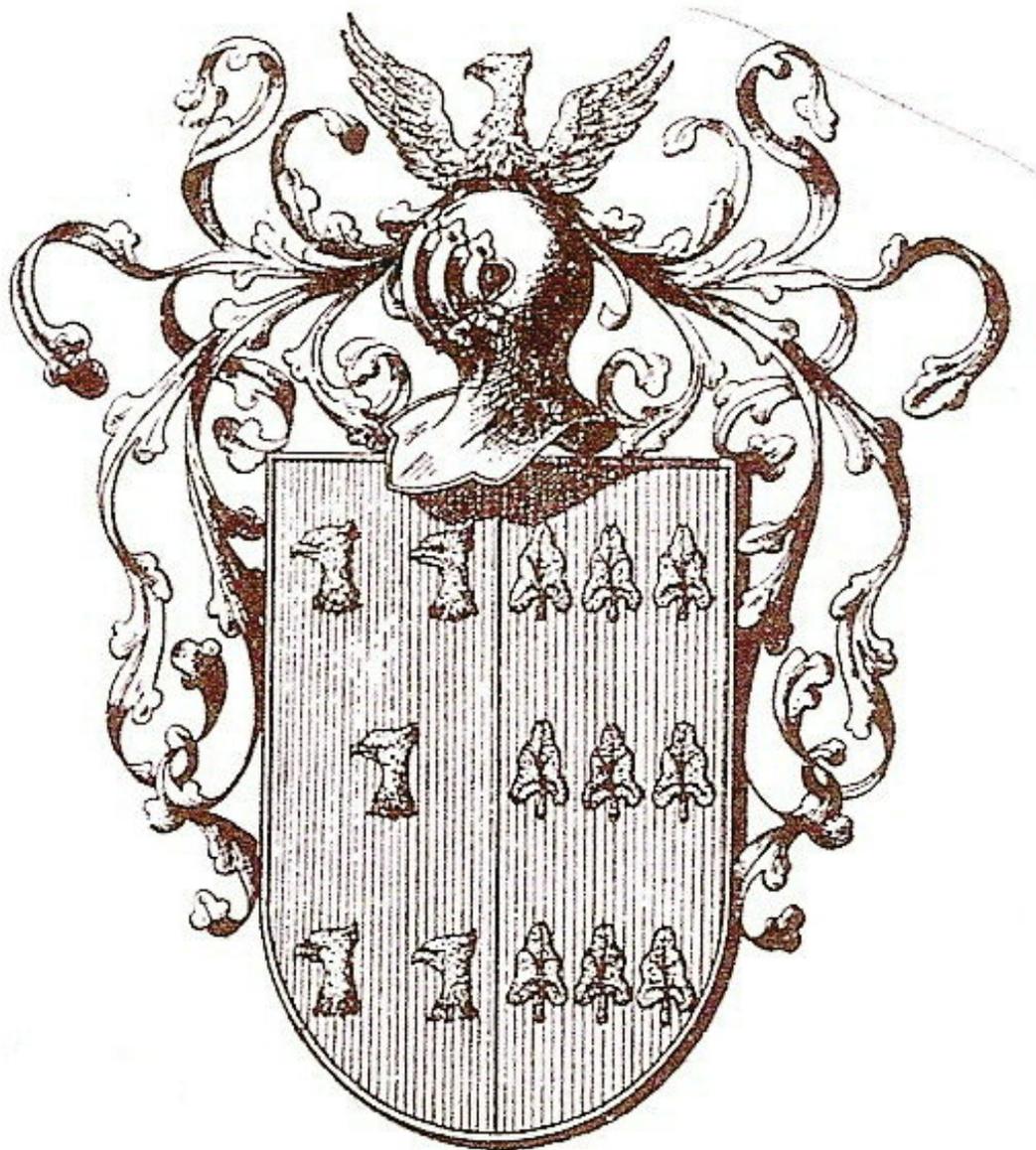
²¹ António de Vasconcelos publica na sua obra os registos de baptismo, casamento e óbito dos irmãos de Brás Garcia.

²² Cf. António de Vasconcelos, *ob.cit.* pp. 14.15

²³ *Ibidem*, doc. VI, pp. 5-6.



*BRAZÃO D'ARMAS DA FAMÍLIA DOS GARCIA DE MASCARENHAS
DE FOLHADOSA*



Brasão de armas dos Madeiras Arrais.

Do Anno de 96.

Aos dez de fev^{ro} baptizou o p^{re} Diogo Piz a Brás filho
de Marcos Gracia e de sua mulher Ilena Madra
foi padrinho Gaspar Diaz e madrinha Joana Pegada
molher de Symão Gracia todos d^esta uilla.
Ant^o Diaz

Assento de baptismo do Poeta²⁴.

“Do Anno de 96

Aos dez de fev^{ro} baptizou o padre Diogo Piz a Brás filho de Marcos Gracia e de sua mulher Ilena Madra foi padrinho Gaspar Diaz e madrinha Joana Pegada molher de Symão Gracia todos deste uilla.

António Diaz²⁵

²⁴ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, p. 21.

²⁵ *Ibidem*, doc. VII, p. 7.

Anno de 1618.

^{mãe}
Aos dezoito dias do mês de 9^{bro} da mesma era sendo eu
o padre Simão frz, cura nesta igr.^a de nossa
srã da uilla de Auoo, com minha licença baptizou o padre joam
nuz cura de Anseris, a maria filha de joam m^{el}
e de maria madr^a da Costa forão padrinhos
bernardo caramelo beneficiado de Arganil e cesilia
madrã soltr^a filha de Gaspar dias e por tudo,
passar na uerdade fiz este termo e o
Asiney

Assento de baptismo da mulher do poeta²⁶

“Anno de 1618

Aos dezoito dias dos mês de 9^{bro} da mesma era sendo eu padre Simão frz, cura nesta igr.^a de nossa srã da uilla de Auoo, com minha licença baptizou o padre joam nuz cura de Anseris, A maria filha de Joam m^{el} e de maria madr^a da Costa forão padrinhos bernardo caramelo beneficiado de Arganil, e de cesilia madrã soltr^a filha de Gaspar dias e por tudo, passar na uerdade fiz este termo e o Asiney”

Simao Frz²⁷

²⁶ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, p. 32.

²⁷ *Ibidem*, doc. XXIII, pp. 12.

Capítulo II – A Terra de Nascimento – Avô

O Vale do Alva

“A Pátria que nos deu este Homero Portuguez, he a nobre, e antiga Villa de Avó não longe da Serra da Estrella na Província da Beyra; Bispado de Coimbra, ennobrecida com um Castello, e duas pontes fabrica primorosa do Senhor Rey D. Diniz: he retalhada de dous rios O Lava e o Rio de Pomares [...] e muito mimosa de excellentes frutas”, assim a caracteriza Bento Madeira de Castro.

Foi nos territórios da Vale do Alva que Brás Garcia passou parte da sua vida – nasceu, viveu muito tempo e morreu em Avô, a princesa do Alva. Foi aí que despertou para a vida no colo da sua mãe onde experienciou momentos de um mundo perfeito.

Foi, igualmente, nas serranias beirãs que muitas das suas aventuras tiveram lugar e onde se moldou o seu vincado carácter.

Avô, escreveu Martins de Carvalho, “*é de longe a mais pitoresca e atraente povoação do vale do Alva*”²⁸. Trata-se de uma típica povoação de confluência, que começou por se desenvolver à volta do castelo, construído num sítio com excepcionais condições naturais de defesa, proporcionadas tanto pelos vales profundos, muito encaixados, do rio Alva e da ribeira de Pomares, como pelo colo, bem vincado, que os aproxima, um pouco antes da confluência, e, ortogonalmente, separa o morro do castelo da rechã que lhe fica sobranceira e se desenvolve pelos 273 metros.

Depois desta, a cumeada vai ganhando altitude, progressivamente, situação que é interrompida, de quando em onde, pela existência de sucessivos níveis aplanados, de entre os quais se destacam o que, por volta dos 600 metros, domina o alto das Tapadas e se prolonga até ao Paúl, seguido pelo que, à volta dos 710 metros, se estende da Medacha ao Alto do Vale da Barroja e, depois, pelo que, na

²⁸ A. Martins de Carvalho, *Guia de Portugal*. Vol. III. Reedição da Fund. Gulbenkian. 1984, p. 422.

Penasqueira, se desenvolve a uma cota que, sensivelmente, ronda os 800 metros, patamares estes que, certamente, correspondem à antiga superfície aplanada do Planalto da Beira Alta, situada a norte do rio Alva e que, aqui, foi levantada, por deslocamentos associados a importantes falhas.

Alías, estes acidentes tectónicos repetem-se para Este e, sucessivamente, individualizam os cabeços da Malhada do Rei, da Malhada Larga e, por fim, do monte do Colcurinho, onde a cumeada culmina, aos 1244 metros de altitude. Depois, em cerca de dois quilómetros, a vertente desce abrupta e vertiginosamente para cotas da ordem dos 400 metros, na ribeira do Piódão, entre as Casas Figueiras e a Malhada do Muro. Com efeito, esta ribeira explora também outro importante acidente de falha, quase rectilíneo, o que impressiona pela sua rigidez, e que facilitou o vigoroso encaixe desta linha de água.

A jusante de Avô, transpostos os enormes blocos de granito “que as águas roem profundamente para abrir caminho”²⁹, o rio Alva sai do estreito graben que a montante condicionou o desenvolvimento do seu vale e desenvolve caprichosos meandros encaixados “o rio desnortea, vai por onde pode, torcido, enconchando na terra, parecendo nascer a cada passo debaixo dum outeiro para logo se sumir debaixo de outro. Afoga-se na paisagem, deixa de ver-se, tanto parece que está aqui como ali”³⁰. “Caminha num fundo claro, brilhante, que talvez não estranho à razão de ser do seu nome; nuns lugares predominam os tons doirados das areias submersas, noutros a luz verde das margens projectada na água...”³¹. A trincheira meândrica do Alva, como Silva Teles designou os encurvamentos do rio, mostra dos mais belos recantos da nossa terra, tais como Vila Cova de Alva, Barril de Alva e Coja, esta conhecida, também, como a Princesa do Alva.

Deste modo, a paisagem que envolve Avô é, pois, marcada por assinaláveis contrastes, que vão desde a profundidade dos vales até aos amplos horizontes que se desfrutam das amplas cumeadas, donde “a vista é admirável

²⁹ *Ibidem*, p. 422

³⁰ *Ibidem*, p. 406

³¹ *Ibidem*, p. 405.

sobre os vales e montes, que se erguem cada vez mais atrevidos e maciços”³² e, em particular, do alto do Colcurinho, donde se abrange um “panorama vastíssimo, com todo o planalto até S. Pedro Dias e a massa ocidental da Estrela, amolgada pela garganta de Loriga. Vêem-se aldeias, sente-se a serra inteira tão junto de nós e tão desolada que não é possível olhá-la profundamente sem um princípio de curiosidade que é já também um princípio de amor”³³.

Como se disse, Brás Garcia nasceu, viveu alguns períodos e morreu em Avó. Segundo Pina Martins o *Viriato Trágico* é um poema de amor à sua terra natal que poeta descreve assim:

*“Criei-me nestes vales deleitosos,
Refrigério de cálidos estios,
Quente abrigo de Invernos rigorosos,
Labirinto de flores e rios,
De peixe, caça e frutos abundosos;
De primor cheios, de ambições vazios;
Que ambições e privanças que namoram,
Fogem dos vales e nas cortes moram.”*³⁴

*“Refiro-me a estes valles e estas fontes
A estes frescos jardins e patrios rios
Quando vão cheios caço pelos montes
E nelles pesco quando vão vazios
Contente destes ares e horizontes
Sem a corte invejar passo os estios...”*³⁵.

*“Entre o rumor de Marte estrepitante,
As horas, que me deixa, te concedo;
Que a cantar-te na paz, mais elegante
Estilo ornara tão capaz enredo”*³⁶.

³² Martins de Carvalho, *ob. cit.*, 424.

³³ *Ibidem*, p. 425.

³⁴ V. T., XV, 32.

³⁵ V. T., XV, 104.

³⁶ V. T., XV, 106.

Por sua vez, Viriato viu, em sonhos a vila de Avô que é, assim descrita no canto XV:

*“Vê nascer entre os Rios caudalosos
Nobre Villa em península guerreyra,
Que com tres edifícios sumptuosos,
Ponte, Castello, Igreja, honrando a Beyra
Ennobrece Diniz, segundo Brigo.
Novo Restaurador do Reyno Antigo”*³⁷.

A história de Avô perde-se nos tempos. Teriam sido os Celtas e os Godos os primeiros povos a habitar esta zona.

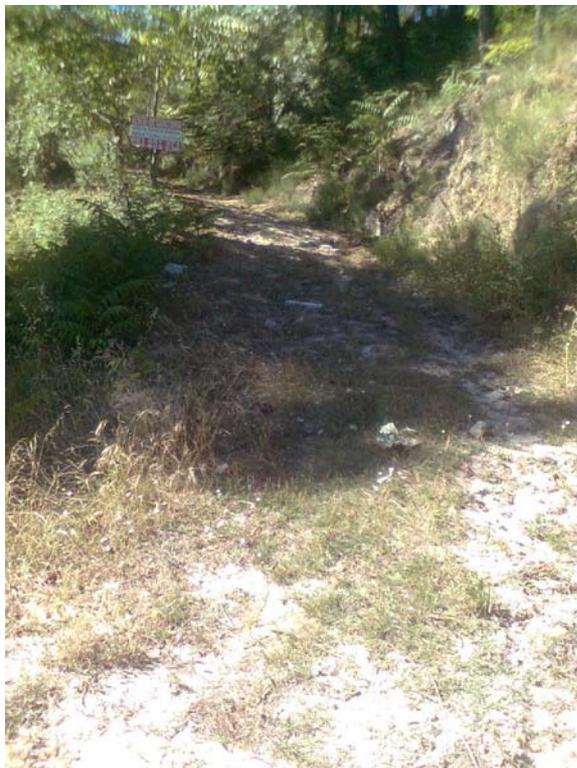
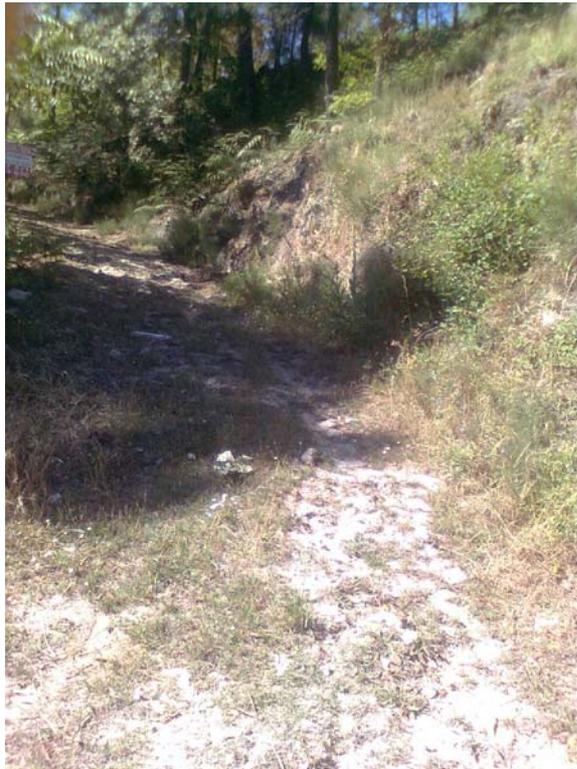
Esta região conserva muitos vestígios da presença Romana como ilustraremos através de fotografias.

A vila de Avô recebeu foral de D. Sancho Primeiro, sendo depois doada aos bispos de Coimbra. Fazia parte da provedoria da Guarda. Segundo Carvalho da Costa, nos inícios do século XVII habitavam-na 150 *visinhos*, sendo abundante de pão, vinho, milho, frutas, gado e caça.

A vila de Bobadela era ao tempo mais poderosa. O mesmo autor regista 250 *visinhos* e uma estrutura de governo local composta por dois juizes ordinários, vereadores, um procurador do concelho, um escrivão da câmara, juiz dos órfãos, alcaide e duas companhias de ordenança³⁸.

³⁷ V. T., XV, 24.

³⁸ Pe. José Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal...*, tomo I, cap. XXVIII, Lisboa, 1706.



Antiga Via Romana em mau estado



Antiga Via Romana em menos mau estado



Paços do Concelho e Pelourinho de Avô

Avô dispõe de casas antigas, apalaçadas, algumas em ruínas e outras restauradas, de famílias nobres da época incluindo a que pertenceu à família Madeira Arrais. Na fachada principal desta casa existe um painel de azulejo, do poeta espanhol Campo, que diz:

*“Não há nuvem mais bela em tempo lindo
Do que o fumo do lar ao céu subindo”.*

Capítulo III – Juventude e Adolescência

Como se disse, a vida de Brás Garcia que foi aventureiro, guerreiro e poeta, mostrou-se muito agitada e turbulenta: “Nascido na abundância de seus pais, cercado da consideração e prestígio de que sua família gozava, nenhuma arúspice, áugur ou haríolo, nenhuma pitonisa ou sibila seria acreditada, se porventura junto daquele berço vaticinasse o sem número de trabalhos, sofrimentos e desditas de toda a ordem, que o recém-nascido estava destinado a suportar através de uma vida não muito longa, mas agitadíssima e toda semeada de contratemplos, dores e infelicidades”, escreve António de Vasconcelos³⁹.

Os anos de infância e de adolescência de Brás Garcia foram suaves e bonançosos com boas relações e amizades, embora não muito ligado à formação académica; aprendeu o latim e os princípios da lógica e da retórica juntamente com os irmãos Manuel e Pantaleão. Para esta aprendizagem contribuiu de forma decisiva a acção do licenciado António Dias, vigário de Avô, sacerdote ilustre e profundo conhecedor daquelas “artes”.

Brás Garcia nunca frequentou a universidade ou outras escolas superiores. Segundo José Maria da Costa e Silva “*Brás adquiriu na sua mesma pátria a instrução primária e o conhecimento da língua latina, passou depois por Coimbra onde se fez muito notável pelo talento de improvisar*”⁴⁰.

Ao contrário do que escreveu Camilo Castelo Branco no seu romance “Luta de Gigantes”, Brás Garcia nunca frequentou, como se disse, a Universidade. Camilo escreveu a sua obra como romancista e não como historiador.

Brás Garcia era galã atrevido e incorrigível, aborrece as letras, prefere a esgrima, o jogo das armas e a equitação. Brigão e altaneiro, sanguíneo e apaixonado, romântico e desregrado. Percorria toda a Beira em viagens constantes na busca de festas e divertimentos, mostrando o seu espírito e a sua graça⁴¹.

³⁹ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, pp. 21 e 22

⁴⁰ José Maria da Costa e Silva, *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poemas portugueses*, p. 152.

⁴¹ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, p. 27.

“Fica pois assente que Brás Garcia não residiu em Coimbra *causa studii* tempo algum”, reitera António de Vasconcelos⁴².

Na sua juventude Brás Garcia trocou as letras pela espada, as brigas e os amores:

*“Porém como estes bens não conhecia,
Nem os futuros males receava,
Quanto já na puerícia mais crescia,
Mais os pátrios regalos desprezava.
Em desejos de ver o mundo ardia,
Estreita a Pátria o coração achava;
E as letras a que quatro irmãos se deram,
Pelas armas seguir, me aborreceram”*⁴³.

*Entro na adolescência, ponho espada,
E dela aprendo uma e outra regra.
Ramo não fica, em que não vá provada
Nem cabelo, em que não me dêem com a negra,
O tanger e dançar muito me agrada.
Mais o cavalo brincador me alegra.
De festa em festa, ao néscio encaretado,
Aqui, senhor me finjo, ali criado”*⁴⁴.

É um galanteador nato:

*“Porque a toda a janela de cortina
O pícaro disfarce reconhece,
Que onde brilha a beleza peregrina,
Sobe o sotaque a ver se o favor desce.
Qual cala, qual responde, qual se inclina,
Qual favorece, qual desfavorece;
Salada feita de confiança honesta,
Festa que todos têm por melhor festa”*⁴⁵.

⁴² António de Vasconcelos, *ob.cit.*, p. 28.

⁴³ V. T., XV, 33.

⁴⁴ V. T., XV, 34.

⁴⁵ V.T., XV, 35.

Foi nas suas paixões amorosas que descobre a poesia:

*As musas que até então não conhecera,
Achando em seu calor facilidade,
Cantando, espalham queixas e louvores,
Que amor sem versos é jardim sem flores.⁴⁶”
“Ciúmes, vento, chuva, calma, neve,
Desafios, paixões, brigas, feridos,
Resistências e razões que não pinto,
Tudo por ele passo e nada sinto⁴⁷.*

A vida desregrada de Brás Garcia desgostava profundamente a seu pai Marcos Garcia, fidalgo, “fidalgo grave e sério”, que o procurava, em vão atrair, cercando-o de “pátrios regalos” que ele “desprezava acabando por ter que o abandonar à sua sina”⁴⁸.

⁴⁶ V.T., XV, 36.

⁴⁷ V.T., XV, 38.

⁴⁸ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, 31.

Capítulo IV – A Prisão em Coimbra

“Vindo a Coimbra assistir a humas festas celebradas no terreyro de Sãosam por correspondência com uma Dalila perdeu a liberdade sendo prezo na cadea da Portagem”, escreve Bento Madeira de Castro.

“O tanger e dançar” agradava muito a Brás Mascarenhas que era um assíduo frequentador das festas que se realizavam por toda a Beira. Numa dessas festas, devido a motivos que não é possível apurar, mas por certo devido a atrevimentos amorosos, experimentou a sua primeira grande provação na vida, a terrível enxovia da Portagem.

*“Fui haver, mais incauto que prudente,
Uma festa, que foi tragédia minha,
Que o sopro de malsim preso exprimento,
Que leva um sopro o mor contentamento”⁴⁹.*

Ali permaneceu por dilatado tempo devido a sucessivas acusações que lhe foram imputadas. Nesta sua provação de juventude começou a conhecer as falsidades da vida: os agravos dos inimigos e as ausências de amigos e parentes⁵⁰.

*“Quem por muy grave caso não foi prezo,
Não diga que passou tormento grave,
Que com liberdade hé todo o pezo.
Calamitoso, de levar, suave;
Logo um preso é tratado com desprezo,
Inimigo não há que não agrave;
Deixado é de Parentes e Amigos,
Muitos nos bens, e poucos nos perigos”⁵¹.*

⁴⁹ V.T., XV. 39.

⁵⁰ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, p.43.

⁵¹ V.T., XV. 40.

Quanto mais a prisão “se dilatava”, mais achava difícil a saída. A libertação havia de chegar. O dia 4 Julho de 1612 era de “sol ardente”. Reinava grande entusiasmo e bulício nas festas da Rainha Santa⁵².

Os irmãos e criados aproveitam o dia de festa para lhe entregarem um presente criando, simultaneamente, as condições para a fuga. O carcereiro comete o erro de deixar uma porta aberta. O preso apercebe-se e foge.

*Bem tenho à minha custa experimentado
Verdade, que hé de tantos tão sabida,
Pois, quanto era a prisão mais dilatada,
Achava mais difícil a saída;
E como hé na ocasião mais apertada,
A desesperação muy atrevida,
Com celebrado ardil e alheio erro,
Rota a masmorra, abre caminho o ferro”⁵³.*

Perseguido pela “rústica plebe” que se apinhava no Largo da Portagem, sente em risco a sua própria vida:

*[...] O perigo em que a morte se afigura
A quem solícita, espanta, & cega
E por horror confuso e sol ardente,
Bem como à lebre, os cães, me segue a gente”⁵⁴.*

O cavaleiro experimentado a percorrer os caminhos íngremes das serras beirãs encontra, por fim, no caminho da fuga uma égua que o leva nas asas do vento:

*“A mais distância do que o caso pede,
Uma filha do vento, um prado tosa;
Que, se é bruta, piedosa me concede
A madeixa da calva melindrosa
Esta, d’ aquella inextricável rede
Me livra tão leal, quanto animosa...”⁵⁵*

⁵² Cf. António de Vasconcelos, *Evolução do Culto de D. Isabel de Aragão*, Coimbra, 1894

⁵³ V.T., XV, 41.

⁵⁴ V.T., XV, 42.

⁵⁵ V.T., XV, 43.



...Uma filha do vento, um prado tosa;

Brás Garcia seguiu o trajecto de fuga na direcção da margem esquerda. Outros trajectos havia, mas não hesitou em seguir o da ponte.

A fuga de Brás Garcia provocou múltiplas narrativas, muitas com cunho de fantasia: Assim, “um anónimo desconhecido” refere que o concelebrado ardil consistia em o poeta se evadir “minando profundamente a terra e passando por baixo dos alicerces da cadeia”⁵⁶.

Na “*Luta de Gigantes*”, romance de Camilo Castelo Branco, é referido o episódio da fuga de Brás Garcia, com imprecisões várias, escrevendo-a como executada decorridos sete dias de prisão, “à meia noite em ponto” por seis criados, dele e de outro nobre, auxiliados por quatro clérigos, filhos de Marcos Garcia e quatro alentados serranos da Estrela, que assaltam a cadeia, desarmam o guarda, forçam o carcereiro a abrir as portas e libertam o preso. Logo aqui se vê o erro da descrição, pois, na data, só um irmão de Brás Garcia se preparava para a vida eclesiástica.

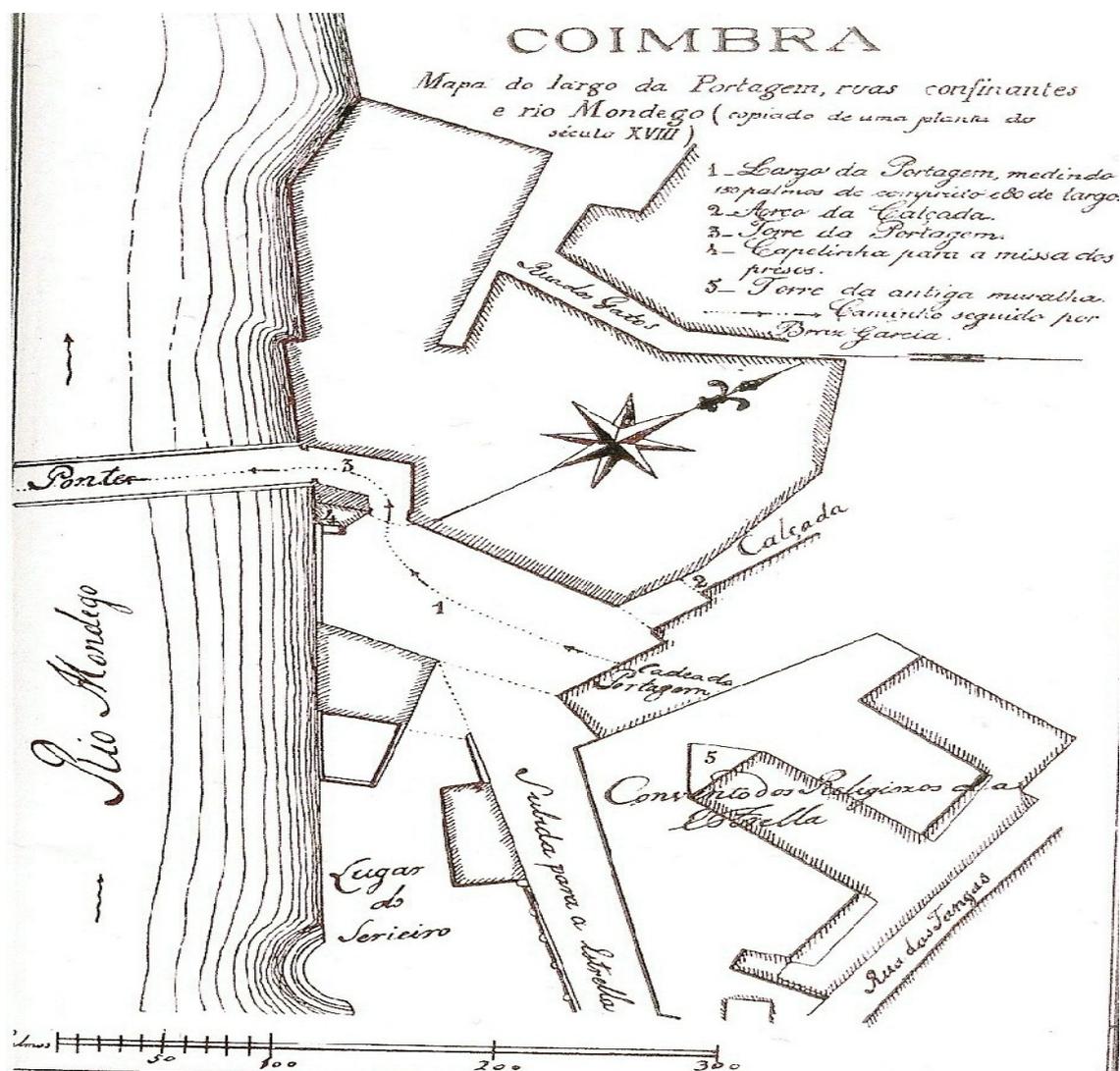
António de Vasconcelos descreve de forma muito impressiva a fuga do poeta aventureiro: “Num relancear de olhos, com aquela agudeza de vista que o distinguia, o preso notou a imprudência, que chamou “alheio erro”, cometida pelo

⁵⁶ José Maria da Costa e Silva, *ob. cit.* p. 153.

carcereiro. A rapidez assombrosa com que, aproveitando qualquer circunstância fortuita, traçava um plano, e a prontidão com que, sem se deter um momento em leve hesitação, o executava, eram qualidades admiráveis que possuía, e de que tantas vezes deu provas durante toda a sua vida. Desta vez manifestou bem claramente estes dotes extraordinários.

Ver a porta aberta, cair como um raio sobre o pobre carcereiro sem lhe dar tempo para nada, arrancar-lhe a espada da bainha, e prostrá-lo com uma forte cutilada, foi tudo obra dum momento. De espada em punho corre sobre a porta; o pessoal da guarda, surpreendido num primeiro momento de indecisão, pretende embargar-lhe o passo. Mas era tarde: o preso, galgando de dois pulos o átrio, transpunha a porta da rua”⁵⁷.

⁵⁷ António de Vasconcelos, *ob.cit.* p. 45.



Planta do largo da Portagem e suas vizinhanças, com indicação da cadeia e do caminho seguido por Brás, quando se evadiu⁵⁸.

⁵⁸ Cf. António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 47.

Capítulo V – Homiziado por terras da Beira e Madrid

Brás Garcia, já na situação de homiziado, permaneceu pelas Beiras durante cerca de dois anos – vivendo uma “*vida de vil encantamento, que o corpo debilita, a honra acanha*” –, onde tinha vasta e fidalga família, principalmente na Bobadela, donde era natural seu pai; também aí vivia a sua avó paterna, Ana Marques, que entretanto faleceu, em 18 de Abril de 1619, estando presente o poeta.

A esta permanência não são estranhas as suas constantes peripécias e aventuras amorosas, vivendo numa tensão entre o amor e o temor:

*“Temor e amor, lutando, vão comigo
Por donde quer que vou; aconselhando
O temor, que me aparte do perigo;
Amor, que me detenha perigando,
Reprovo o cauto lince e cego sigo,
Por ele a vida e o crédito arriscando!
Que quando amor, seu gosto solícita,
Dificuldades grandes facilita”⁵⁹.*

Em 1619, Brás Garcia decide partir para Madrid, provavelmente em busca de um perdão régio, sendo igualmente atraído pela vida de corte onde pontuavam fidalgos e homens das letras, como o grande vulto da cultura do tempo D. Francisco Manuel de Melo⁶⁰.

*“Cançado em fim do vil encantamento,
Que o corpo debilita, a honra acanha,
Me transfiro a pezar do amante intento
A Corte do feliz Numa de Hespanha;
No tempo, quando em seu mayor augmento
Gozando a paz, que os vícios acompanha,
Parecia nos faustos, & grandezas,
O centro das delicias, & riquezas”⁶¹.*

⁵⁹ V.T., XV. 44.

⁶⁰ D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto: Campo das Letras, 2003.

⁶¹ V.T., XV, 45.

Residiu cerca de um ano nas proximidades da Corte Filipina, onde observou, de forma perspicaz e crítica, a vida cortesã, achando-se, porém “*formiga entre elefantes*”.

Não tendo obtido o que pretendia, e não estando disposto a “*servir, depois de ser servido*”, decide partir em direcção a outros mares.

De Madrid deixou-nos a imagem seguinte:

*“Madrid, dizem que estriba em fogo e água.
Deve ser por retóricas figuras,
Que geral pranto e ambiciosa frágua
Formam, do vasto corpo, sa bases duras.
Um ano inteiro vi, com grande mágoa,
Venturas de uns e de outros desventuras,
Estas caindo nos indignos delas,
E os delas dignos, alcançando aquelas*

*Vi os adutores mui possantes,
O mérito um fraco e desvalido,
Com mau partido, os pobres negociantes,
E os ricos, todos com mui bom partido;
E achando-me formiga entre elefantes,
Por não servir, depois de ser servido,
Deixada a corte, por abismo cego,
Enfadado da terra, ao mar me entrego”⁶².*

Os mares eram ao tempo muito perigosos, sulcados de corsários: “Apenas se tinhaõ feito ao largo quando deo sobre elles hua forçosa Nao de Turcos, & pondo-se em resistencia tão desiguaes no partido em pouco tempo forão mortos quasi todos, & destroçado o Pataxo; Eis que antes de se renderem lhes assoma por barlavento hua poderosa Fragata de hereges Corsarios, à vista do qual fugirão os Turcos, & elles ficando preza dos Hereges, que os roubaraõ, & finalmente expuzeraõ em hua praia de Itália”, escreve o seu primeiro biógrafo.

O poeta descreve assim o encontro:

*“Da Turdetânia apenas me saía,
Dobrando o sacro promontório, quando
De meias luas abordado, via
O patacho e conflito miserando;
De corpos destroçados se cobria*

⁶² V.T., XV, 48 e 49.

*O convés, em que o sangue anda nadando,
Que antes se escolhe, em transe tão guerreiro,
Morte honrada, que infame cativoiro*⁶³.

Bento Madeira de Castro refere que o aventureiro beirão foi deixado em Itália aproveitando esta situação imprevista para efectuar “peregrinações” por Itália, França e Espanha e colher “muitas noticias”.

Segundo António de Vasconcelos, não há indícios de que Brás Garcia tenha viajado pelo Sul da Europa, colocando a hipótese de ter aportado em território português.

Regressado à pátria, por não se sentir muito “seguro”, devido ao facto de não se terem esquecido ainda as suas “juvenialidades”, e sobretudo por não caber o “seu animo em taõ curtos limites” decidiu passar “ao novo mundo...” refere o seu primeiro biógrafo.

Outras razões poderiam ter levado Brás Garcia a partir para o Brasil, nomeadamente as do coração. Com efeito, o seu grande amor, D. Cecília, irmã de D. Maria Madeira da Costa, enamorara-se sucessivamente por dois outros pretendentes e acabara por casar com D. Aleixo Afonso; por sua vez, D. Maria, que se opunha ao primeiro amor da irmã, casa com D. João Manuel da Fonseca, que foi Capitão-mor de Avô, em 1617, que era, por sua vez, irmão de D. Aleixo.

*“Mandas-me que te conte minha vida,
Melhor fora mandares-me choral,
Que vida em tantos males repartida
Melhor fora choral, que cantala;
Sempre he sospeyto de affeyção fingida,
Quem de seus próprios bens, ou males fala;
Mas sendo os meus notórios, & imperfeytos,
Serão mais reprehendidos, que sospeytos”*⁶⁴.

Esta circunstância da sua vida amorosa levou-o a tecer algumas críticas ao comportamento das mulheres, assumindo uma atitude moralista presente em

⁶³ V.T., XV, 50.

⁶⁴ V.T., XV, 28.

outros autores da época, como em Francisco Manuel de Melo na obra *Carta de Guia de Casados*⁶⁵:

Referindo-se às mulheres escreve:

*“Partem-se os homens, & as mulheres ficam,
Veja-se aqui quais ficam as mulheres,
Pois sintindo huma cousa, outra publicação,
Prazeres buscam, fígem disprazeres.
Astrólogas os danos pronosticão,
E Letradas dão falsos pareceres:
Bem se vê nas de então, & nas de agora
Que engana a mulher mais, quando mais chora”*⁶⁶.

A situação financeira da Casa de Marcos Garcia não seria igualmente muito favorável, à semelhança aliás da de outras casas senhoriais⁶⁷. Conjugavam-se deste modo motivos vários para enfrentar o mar à busca de aventura, honra e fortuna. Decide partir para o Brasil, o centro açucareiro do Império Português⁶⁸.

*“Sobre a primeira queda, torno à luta,
Sem me turbar de tão funesto agouro,
Porque com pertinácia resoluta,
Dentro de dois meses desemboco o Douro”*⁶⁹.

Na cidade do Porto colhe “o saber de experiência feito” que lhe permitirá atravessar o Atlântico na companhia do primo, D. Luís de Figueiredo.

*“Brevemente me ensina gente bruta,
A ciência que apura a fome de ouro,
Porque o subtil me alegra e maravilha
Do astrolábio, da carta e da balestilha”*⁷⁰.

⁶⁵ D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Campo das Letras, 2003, p.18-38.

⁶⁶ V.T., XIII, 82.

⁶⁷ Cf. António de Oliveira, *Poder e Oposição Política em Portugal*, Lisboa, Difel, 1991, pp. 52-82.

⁶⁸ Cf. André João Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, Lisboa, CNCDP, 2001, pp. 59-63.

⁶⁹ V.T., XV, 53.

⁷⁰ *Ibidem*.

*“ [...] não se aprende a ciência meritória
De Marte nas platónicas escolas,
Senão no campo, aonde se tem dados
Muitos quinaus aos mais experimentados”⁷¹.*

Mais tarde, como à frente veremos, para o desempenho das funções militares, que lhe foram então atribuídas, ter-se-ia preparado técnica e operacionalmente através da leitura de tratados militares. Brás Garcia, na arte da guerra, defendia a combinação de experiência com ciência⁷².

*“Os homens como as plantas se cultivao
Que incultos os produz a natureza,
Só por armas e graves ciências privão
Sem as quais as deslutra a rustiqueza.
Da pernicia as sciencias se derivao,
Que hé o valor inútil sem destresa;
Mais útil hé, mais vale de qualquer sorte
Perito débil, que imperito forte”⁷³.*

⁷¹ V.T., III, 106.

⁷² Sobre este assunto, Cf. Rui Bebiano, “A arte da guerra” in Nuno Severiano Teixeira e Manuel Themudo Barata (dir), *Nova História Militar de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, vol. II, pp. 112-151.

⁷³ V.T., IV, 32.

Capítulo VI – A Estadia no Brasil

A travessia do Atlântico foi muito acidentada, marcada por um naufrágio. Aportou à baía de S. Salvador, capital do Brasil de então, “grande empório industrial e de exportação”, segundo António de Vasconcelos. Em seguida, empreende viagens de exploração costeira, passa por Pernambuco, cidade no auge da opulência e do esplendor, e, finalmente fixa-se em Olinda:

*“Apesar das tormentas, calma,
Corsários e aflições de sangue e morte,
Entrei pela rainha das baías,
Celebrando teatro de Mavorte.
Desta cidade ilustre em bizarrias,
Da nova Lusitânia, nova corte,
Julguei que era o Brasil, jardim sem muro,
Tesouro rico, porém mal seguro”⁷⁴.*

*Navegando sua costa, desejoso
De saber estranhezas não sabidas,
Naufrágio padeci tão lastimoso,
Que, entre muitos salvámos poucas vidas.
Escarmentando mais que curioso,
Tendo as colónias já reconhecidas,
Na de Olinda parei, tendo a de Olinda
Por maior, por melhor e por mais linda⁷⁵”.*

Relativamente às viagens de exploração costeira depreende-se que Brás Garcia viajou por outros países da América do Sul. Nestas paragens, terá procurado o reino da prata de Potosi, tendo observado, pelo menos, as manadas do campo uruguaio⁷⁶:

*“Como em campos largissimos & enchutos
Alem de Buenos Ayres sempre cheyos
De vacum bravo e cavallos brutos,
Que não tem donos, nem conhecem freyos”⁷⁷.*

⁷⁴ V.T., XV, 54.

⁷⁵ V.T., XV, 56.

⁷⁶ Cf. Luís Ferrand de Almeida, *A colónia do Sacramento na época da sucessão de Espanha*, Coimbra, 1973, pp. 79-116.

⁷⁷ V.T., VI, 83.

A descrição destas viagens estaria, por certo, documentada nas “*Auzencias Brasilicas*”, extensos cadernos que nunca foram impressos, mas dos quais Bento Madeira de Castro nos fala como existentes na casa de Avô. Esta obra é, igualmente, referida por Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*.

O período em que Brás Garcia viveu no Brasil coincidiu com o do pico da produção de açúcar. Calcula-se que em 1627, nas oito capitanias do norte, existiam cerca de 235 engenhos cabendo só a Pernambuco 100 deles, todos movidos a água ou à força animal (bois), designados estes por trapiches; cada engenho lavrava, em média, quatro a cinco mil arrobas por ano⁷⁸.

No Brasil permaneceu durante nove anos (1623-1632); entregou-se ao comércio, onde fez avultada fortuna. Tudo leva a crer que foi na actividade açucareira que Brás Garcia teria centrado a sua atenção, pois esta continuava muito florescente. Em 1627, o Brasil produziria mais de dois milhões de arrobas anuais de açúcar⁷⁹.

Para além da fortuna, acrescentou a sua honra nas lides da guerra. O fidalgo da Beira tomou parte activa na defesa militar da zona invadida pelos Holandeses, onde alcançou o posto de alferes.

Brás Garcia, como se disse, permaneceu nove anos no Brasil onde teve relevância na expulsão dos holandeses, situação que se veio a repetir em 9 de Maio de 1624 com nova investida dos usurpadores, que, aliás, também de novo foram expulsos; era Governador-Geral, D. Diogo de Mendonça Furtado⁸⁰.

Seguiu-se um período de calma durante cinco anos, no qual Brás Garcia se pode entregar com todo o entusiasmo à vida comercial na Capitania de Pernambuco.

Esta situação foi interrompida em 14 de Fevereiro de 1630: uma nova armada holandesa aproxima-se de Olinda, dando-se início a um novo período de

⁷⁸ Sobre a “indústria do açúcar” no período entre 1570 e 1630 Cf. Harold Johnson e Maria Beatriz Nizza da Silva, *O Império Luso-Brasileiro* in Joel Serrão e Oliveira Marques, dir. *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa: editorial Estampa, 1992, pp. 240-288

⁷⁹ Cf. José Manuel de Azevedo e Silva, *O Brasil colonial*, Coimbra, FLUC, 2005, p. 57.

⁸⁰ Cf. Santos Pérez, José Manuel y Sousa, George F. Cabral, *El desafío Holandês al Domínio Ibérico en Brasil en el siglo XVII*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006.

hostilidades e situações de guerra⁸¹. Em 1631, a cidade foi incendiada provocando um profundo pesar e espanto em toda a gente: “*Branca, negra, gentia, moça e velha*”:

*“Estando aqui, como trovão com raio,
Rompe a guerra, estragando de repente
A cabeças do estado, um mês de maio
Infeliz ao repouso do Ocidente,
Sobressalto cruel, mortal desmaio,
Vai perturbando a paz de gente em gente;
Branca, negra, gentia, moça e velha,
Toda se espanta, e toda se aparelha.*

*Começa de ferver em mar e em terra
O duro Marte, sem deixarem, quanto
Do equinócio ao Trópico se encerra,
Cousa que não envolva em sangue e pranto,
Tudo apalpa e revolve, a dura guerra,
Porque em tudo se opõem com grave espanto,
Já sobre as velas, já sobre as amarras,
As santas quinas, às hereges barras.*

*Nem, porque nossa poderosa armada
O perdido restaura, o mal sossega.
Porque sempre é do Bêlgico⁸² infestada
A costa por que indómito navega.
Em várias rimas tenho lamentada
Esta guerra, que muito avante chega;
Calo, portanto, os mais particulares,
Que é dobrar mágoas, repetir pesares”⁸³.*

Nesta altura, era Governador-Geral D. Matias de Albuquerque a quem ofereceu colaboração voluntária e activa; foi também muito competente nessa campanha, apesar de, inicialmente, não ter recebido qualquer formação militar. Porém, a sua vivacidade, energia e grande talento, por um lado, o conhecimento perfeito, adquirido na juventude no jogo de armas e a já alguma experiência da anterior guerra da Baía, por outro, supriram bem a falta de ciência teórica militar.

⁸¹ Cf. Pedro Putoni, “As guerras no atlântico sul: a ofensiva holandesa 1624-1641”, in Nuno Severiano TEIXEIRA e Manuel Themudo BARATA (dir), *Nova História Militar de Portugal*, ob, vol. II, pp. 255-264.

⁸² *Bêlgico, no sentido de países baixos, que incluía a Holanda.*

⁸³ V.T., XV. 57. 58. e 59.

Do tempo de permanência de Brás Garcia no Brasil e dos seus feitos na luta contra os holandeses, não se encontram referências que o possam identificar e localizar. A explicação poder-se-á encontrar no facto de ele ter sido homiziado e, como tal, utilizava outros nomes, pseudónimos, com os quais se ocultaria, comerciava e se alistava nas fileiras militares⁸⁴.

⁸⁴ João Alves das Neves, *O Brasil do século XVII no poema "Viriato Trágico" de Brás Garcia Mascarenhas*, São Paulo: Centro de Estudos Fernando Pessoa, 1997.

Capítulo VII – Regresso à Pátria

Durante o tempo em que permaneceu no Brasil, Brás Garcia manifestou sempre grande saudade pela Pátria bem como o desejo de, segundo António de Vasconcelos, regressar para “dourar de novo os brasões de armas de seus avós”.

De Portugal, Brás Garcia ia recebendo informações que lhe seriam prestadas por seu primo, D. Luís de Figueiredo, que entretanto, em 1628, regressara a Portugal. Teria sido por meio deste que soube ter sido indultado e que, assim, poderia voltar à Pátria, sem receio.

Decorridos que foram os nove anos no Brasil, em função do indulto que lhe fora concedido, regressa em meados de 1632. “*Satisfeito com a sua sorte no Brasil, parte contente*”.

O poeta recorda o Brasil escrevendo os seguintes versos:

*“Satsfeito porem da minha sorte
No Brasil, me parti delle contente,
Porque assim como a agulha busca o Norte,
Busca a Pátria, o que della vive absente.
Adherencia não há, que mais importe,
Que a de hua larga ausencia a hum delinquente,
Porque sempre há de ser esta enfadonha
De rios triaga, & de amor peçonha”⁸⁵.*

*Sobre nove annos de importuna ausencia
Torno a gosar da pátria desejada,
Como quem sobre larga penitencia
Se absolve da censura reservada⁸⁶.”*

Inicia mais uma viagem, cheia de contratemplos, levando três meses a atingir a Europa. Já no final da viagem, uma tempestade arrasta o barco em que viajava para o norte do Cabo de Finisterra, na Galiza, aportando ao Ferrol.

⁸⁵ V.T., XV, 60.

⁸⁶ V.T., XV, 62.

*“Avisado de estar convalescido,
enquanto a réu sem cura enquanto amante,
Três meses naveguei, já conhecido
Por mal afortunado navegante,
De esquadrões perseguido,
Derrotado a Ferrol, bem que distante
Porto, do que buscava meu desejo,
Apóstata do mar a terra bejo”⁸⁷.*

A primeira referência ao regresso a Avô, situa-se em 21 de Novembro de 1632, data de baptismo de uma criança que apadrinhou⁸⁸.

O poeta veio viver para casa paterna onde continuaria até ao fim da vida. A casa era de construção ligeira, embora de esmerada cantaria nas janelas e portas, sendo uma delas em estilo manuelino. Tinha dois pisos; num deles era notória a sala nobre, com tectos em castanho⁸⁹. Esta casa foi sofrendo ao longo dos tempos constantes transformações, o que, aliás, sucede actualmente.

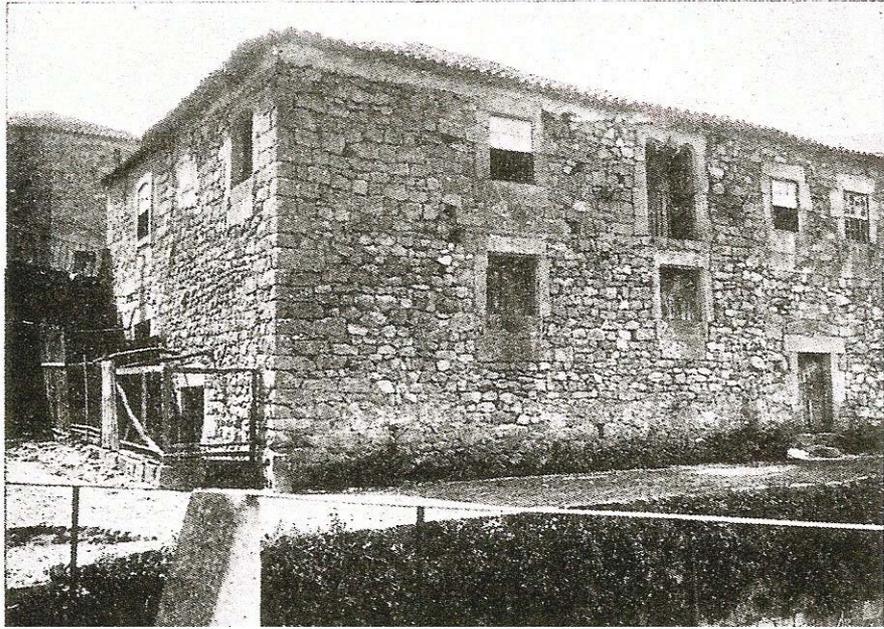
Trouxera do Brasil alguns escravos, dos quais há referência a “uma preta cativa, de nome Isabel” que teve um filho de “um mancebo de Travanca de Farinha Podre, Marcelino”, baptizado em Avô, a 24 de Junho de 1649⁹⁰.

⁸⁷ V.T., XV, 60.

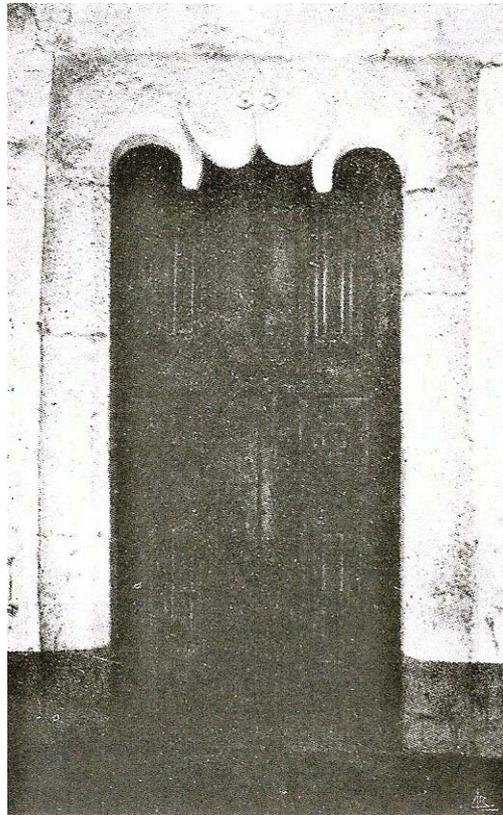
⁸⁸ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, doc. XXIX, p. 15.

⁸⁹ *Ibidem*, pp. 106-112.

⁹⁰ *Ibidem*, doc. LXXX, p. 53.



Casa Primitiva de Marcos Garcia



Porta principal da casa de Marcos Garcia



Casa de Brás Garcia antes do actual restauro, início do séc. XX.



Reconstrução actual. - parede lateral Nascente



Reconstrução actual – fachada principal



Arco Romano da Bobadela /Oliveira do Hospital – Fórum



Anfiteatro Romano da Bobadela em ruínas



O mesmo anfiteatro restaurado em 2008

Chegado a Avô, Brás Garcia, percorre em visitas, passeios e digressões toda a Beira onde residia a sua numerosa e nobre família, nomeadamente na Bobadela.

*“Na vila hoje chamada Bobadela
Esteve antigamente uma cidade
Que estão de quanto fosse grande e bela
Indiciando vestígios nesta idade”⁹¹.*

Detem-se demoradamente na serra da Estrela e deleita o olhar nos “*pátrios rios Alva e Moura*”. As imagens colhidas nesta digressão pela Beira pintou-as em belas e impressivas narrativas registadas no Viriato Trágico.

Dedica-se igualmente aos passatempos preferidos da nobreza, nomeadamente a pesca e sobretudo a caça.

Bento Madeira de Castro afirma que Brás Garcia “... voltou à Pátria onde já era esquecido”. A sua presença, em breve, se fez, entretanto, bem notada, assumindo toda a espectacularidade do tempo do barroco, através de um estilo de vida conforme o seu estatuto de nobre requeria.

A sua nova estadia em Avô, após passados nove anos quando o julgavam desaparecido, as suas lendárias e românticas aventuras, a abundância que os meios de fortuna lhe proporcionavam a que a sua condição de nobreza aumentava o brilho, passou a estar envolta nos mais fantasiosos contos e narrativas populares.

Segundo António de Vasconcelos, Brás Garcia “gostava de figurar, de viver com brilho e ter prestígio entre os seus patrícios, não para os deslumbrar, e muito menos para os vexar ou oprimir, mas para exaltar, um pouco vaidosamente é verdade, a sua nobreza e a sua superioridade intelectual e moral aos olhos dos seus admiradores, para em seguida, os honrar e proteger com dedicação, e lhes dispensar favores e serviços⁹².”

Promoveu algumas festividades profanas e religiosas, destacando-se a celebração notável das QUARENTA HORAS, assim chamada porque “durante

⁹¹ V.T., IV, 74.

⁹² António de Vasconcelos, *ob. cit.*, pp. 105-106.

esse tempo se conservava a Eucaristia solenemente exposta à adoração dos fiéis”⁹³.

*“Sete annos festejei (cousa hê notória)
Juntando nestes vales cortes bellas,
Porque o Monarcha da celeste gloria,
Quarenta horas assistio nellas.
Dura que há de durar sua memoria,
Pella aprte que às Musas tocou dellas,
E por outros applausos grandiosos.
Que inda estão repetindo eccos saudosos”*⁹⁴.

Para além desta solenidade religiosa, realizavam-se grandes festejos profanos e diversões, para os quais eram feitos convites “a quanto havia de distinto na província das beiras”, assumindo Avô, durante três dias, o aspecto de “*uma corte bela*”.

A poesia teve, como era de esperar, grande quinhão nas festas, fazendo o poeta composições adequadas a celebrar o “*monarca da celeste glória*”, cujas visitas e assistência eram assim solenizadas.

“E, gentil como ele era para o belo sexo, porque não havia de misturar o estro profano com o sacro, cantando os atractivos de algumas Formosas filhas do Alva, que andassem em seus encantos e beleza abrilhantando a festa?”⁹⁵.

Brás Garcia promoveu e custeou durante sete anos – até 1639 – os festejos sendo o mordomo e festeiro, o planeador, o agente e o director. Estas solenidades continuaram depois dele suportados por rendimentos que lhe instituiu.

O regresso de Brás Garcia à sua pátria do Alva ocorre durante o domínio filipino, num tempo em que, segundo Rodrigues Lobo, “a Aldeia estava feita Corte”:

“Um inverno em que a Aldeia estava feita Corte com homens de tanto preço que a podiam fazer em qualquer parte, se juntava a maior parte deles em casa dum antigo morador daquele lugar, que também o fora em outra idade da casa dos Reis, donde, com a mudança e experiência dos anos, fez eleição dos montes para passar neles os que lhe ficavam da vida: grande acerto de quem

⁹³ Cf. António de Vasconcelos, *ob. cit.*, pp. 155-156.

⁹⁴ V.T., XV, 63.

⁹⁵ Cf. António de Vasconcelos, *ob. cit.*, pp. 155.

colhe este fruto maduro dos desenganos. Ali ora em conversação aprazível, ora em moderado e quieto jogo se passava o tempo, se gozavam as noites, se sentiam menos as importunas chuvas e ventos de Novembro e se amparavam contra os fios rigorosos de Janeiro”⁹⁶.

Curiosamente, este texto do célebre escritor das terras do Liz está em sintonia com a representação que fazemos da vida na “corte de Avô” em que “reinava” Brás Garcia de Mascarenhas.

António Vasconcelos representa, deste modo, a vida social desta “corte da Beira”: “Então vinham os amigos, ora uns ora outros, juntando-se para a conversa e para a partida de jogo.

Lá dentro na cozinha, as senhoras e as criadas aqueciam-se de volta da fogueira, contando contos de mouras encantadas e de princesas cativas, e ao mesmo tempo iam vigiando as panelas e as caçarolas onde se preparava a refeição. Na sala o velho Marcos Garcia não abdicava dos seus direitos patriarcais no seio da família, fazia as honras da casa aos amigos de seu filho; e estes, sentados ao redor da clássica braseira de cobre, conversavam, e deleitavam-se a ouvir as narrativas animadas e interessantes, que Brás fazia das suas aventuras, ou a recitação de algumas das suas poesias.

Depois tazia-se uma pequena mesa, que se colocava sobre a braseira. Dispunham-se as cartas e começava a partida de jogo”⁹⁷.

Seguiam-se as “opíparas e extensas ceias”. Nas mesas – “duas mesas estreitas cobertas de alvas toalhas de linho” – “pousava solene o grande pichel de vinho, cheio do magnífico vinho da região”. Brás Garcia, do vinho apenas apreciava o aroma: “o vinho velho sempre é mais cheiroso, dos copos (não do meu) alegre amigo”⁹⁸.

Para além da sociabilidade “cortesã” que recria em Avô, Brás Garcia investe a sua fortuna em bens duráveis, melhorando as condições de vida dos seus conterrâneos ao mesmo tempo que acrescentava o reconhecimento social⁹⁹ que a

⁹⁶ Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, introdução de Maria Ema Tarracha Ferreira, Lisboa, Editora Ulisseia e Editorial Verbo, 2005, p. 102-103.

⁹⁷ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 163

⁹⁸ *Ibidem*, p. 164.

⁹⁹ Cf. J. G. Peristiany, org., *Honra e vergonha. Valores das sociedades mediterrânicas*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

comunidade por certo lhe tributaria e que é expressa no vasto número de crianças que apadrinha¹⁰⁰.

*“Sobre nove annos de importunada ausencia
Torno a gosar da Pátria desejada,
Como quem sobre larga penitencia
Se absolve da censura reservada:
De importância lhe foy a minha assistência
Pois está com mais obras illustrada,
Que dá mais honra ao que a Pátria zela,
Accrescentalla, que morrer por ela”¹⁰¹.*

Lança, assim, um programa de melhoramentos em infra-estruturas. Neste campo, construiu, à sua custa, uma obra de grande vulto, a ponte sobre o rio Moura/Ribeira de Pomares: *“mesagra de pedra, que tolda a veloz água do rio Moura, espelhado como prata e com a qual facilitou e atou à Pátria um novo arrabalde”¹⁰².*

“Restaurar tudo, construir de novo”, era o seu lema. Assim, construiu também duas capelas; a de São Brás e a de Santo António. A de São Brás, foi edificada cerca do ano de 1635, “...deu satisfação à prozápia da sua família tendo capela privativa, com capelão graduado e qualificado”, comenta António de Vasconcelos. Era nessa capela que o seu irmão Manuel Garcia celebrava a sua missa quotidiana após ter deixado o priorado de Travanca de Farinha Podre, hoje São Pedro do Alva.

A capela de Santo António, construída na mesma época é semelhante nas cantarias, diferindo no tamanho das portas: a daquela é em arco e a desta é rectangular.

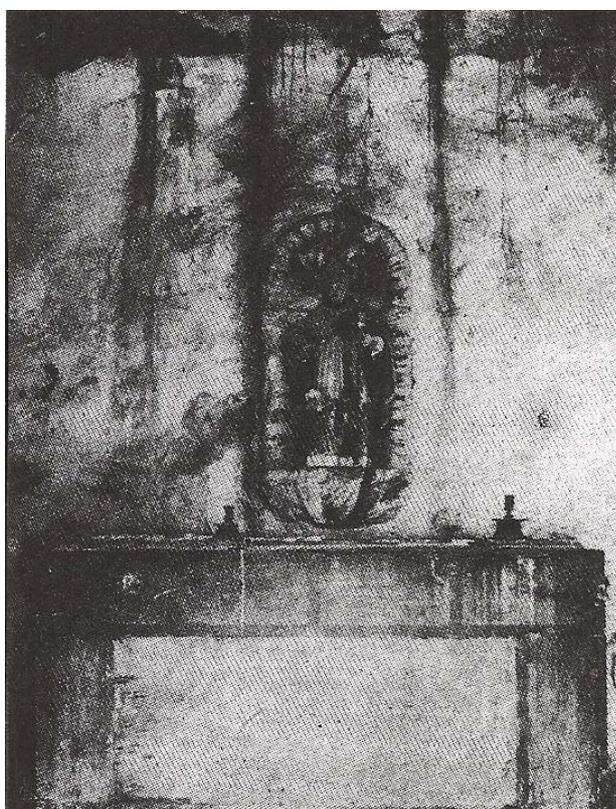
¹⁰⁰ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, Doc., pp. 1-95.

¹⁰¹ V.T., XV, 62.

¹⁰² António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 157.



Recanto das duas capelas conjuntas, de S. Brás e de Santo António, vendo-se a porta de entrada da de S. Brás



Altar e imagem da capela de S. Brás

*“E em terra não muy grande trazer capa
Mais limpa, que os mais limpos, hé delito”.*

Esta vida faustosa provocou ódios e invejas. Várias calúnias lhe foram atribuídas, desde questionada a legitimidade com que fora obtida a sua fortuna no Brasil, até ter sangue judeu – suprema ignomínia –; Brás Garcia, embora inicialmente tentasse não reagir às calúnias, acabou por se defender.

*“O verme, à quietação restituído,
Me fazia encolher & sofrer tudo,
Que descanso em trabalhos adquirido,
O não deve arriscar nenhum sesudo.
Por outra parte vendome offendido
De lingoas, seus docéis, com ferro agudo
Rasgo, com maior rigor do que propunha;
Sem propor, rasga a espada que se empunha”¹⁰³.*

Passaram estes incidentes e passaram mais três anos desde o seu regresso. Neste período faleceu sua mãe, Helena Madeira – 1634 –, a vida dos irmãos teve grandes alterações.

Por sua vez, a sua antiga apaixonada, D. Cecília, “que na mocidade o desorientou, com a beleza e a elegância actualmente perdidas, deformada pela maternidade, cercada dum rancho de filhos, cuidando prosaicamente no governo da casa de seu marido, não era de molde a reavivar-lhe o fogo da paixão, apagando do seu espírito quaisquer fugazes reminiscências platónicas dos devaneios da mocidade. Mas não imaginava que as graças de outra mulher ainda pudessem agitar as cinzas, que pareciam apagadas para sempre e atear nova fogueira”¹⁰⁴.

E ateou, em relação a uma jovem, de dezassete anos, Maria da Costa Fonseca, sobrinha de D. Cecília; Brás Garcia tinha já trinta e nove. Pintou o seu novo amor com estes versos:

*“Em base de esmeralda ebúrnea assenta
Columna, que se Dórico não teve*

¹⁰³ V.T., XV, 65

¹⁰⁴ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 172.

*Capitel, sobre o Quiníco sustenta
Doricas trenças, rubicunda neve
Safiras, sutis ebenos, que ostenta
Grande tesouro amor em campo breve,
Se pobre de prazer, não de beleza,
Que há rostos, a quem dá graça a tristeza”¹⁰⁵.*

Ainda neste período, fins de 1640, Brás Garcia encontra-se de novo envolvido em rixas e cenas violentas, das quais se destaca a ocorrida em Travanca de Farinha Podre. A paróquia de Travanca era de provimento alternativo da Sé Apostólica e do bispo de Coimbra. Em 1638, o Padre Pantaleão, prior desta igreja, ausentou-se da paróquia deixando-a entregue ao cura João Fernandes.

A paróquia foi, entretanto, considerada vaga, tendo sido provido outro pároco. Perante esta situação Brás Garcia acciona um processo judicial.

Como a justiça eclesiástica demorava a solucionar a situação, Brás Garcia e o seu séquito resolveu-a, arrebatando da bainha a espada, no dia em que o novo pároco se preparava para um banquete, depois do qual, pela tarde, iria assumir aquele priorado, de grande interesse em réditos; caíram sobre os convivas, espadeirando-os e confundindo-os; alguns conseguem saltar pelas janelas e fugir, outros resistem, mas debalde.

Baseado em documentação produzida no contexto deste conflito, António de Vasconcelos descreve, deste modo, este motim: “Como um furacão entram todos pela porta dentro, e de espada em punho uns, outros de cacetes erguidos, caem sobre os convivas espandeirando-os e confundindo-os. Alguns conseguem saltar pelas janelas, por baixo da mesa, rolam corpos feridos gravemente, jazem outros sem movimento.

Alguns dos convivas haviam-se escapado do presbitério para a igreja onde supuseram encontrar asilo inviolável. Faliu-lhes o cálculo. Ali mesmo foram feridos e espancados, ficando assim poluída a casa do Senhor”. [...]

“Quando toda a resistência dentro de casa tinha acabado, os agressores descem ao pátio, para dali e do adro varrerem a população e a criadagem. Mas não encontraram ninguém. O pavor tinha-se apoderado de toda essa gente”.

¹⁰⁵ VT., XIV. 49.

“Foi uma cena sangrenta em que foi protagonista Brás Garcia e na qual houve mortos e feridos”¹⁰⁶.

Depois deste episódio violento, bem ao sabor do século XVII¹⁰⁷, o poeta aventureiro homiziou-se, mais uma vez, mas por curto período, na região de Avô; nesta situação e neste período, chega-se ao dia 1 de Dezembro de 1640, à esperada Revolução¹⁰⁸.

Brás Garcia teve conhecimento dos acontecimentos do dia 1 de Dezembro uma semana depois. Abandona o seu esconderijo e parte para Lisboa pondo à disposição do novo Rei de Portugal a sua experimentada espada e o seu já redobrado saber sobre a arte da guerra, a que entretanto se tinha dedicado, actividades que desenvolveremos no próximo capítulo.



Travanca de Farinha Podre – Presbitério e Residência Paroquial

¹⁰⁶ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, pp. 182-183.

¹⁰⁷ Cf. Joaquim Romero Magalhães, *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, vol. III, pp. 575-581.

¹⁰⁸ *Ibidem*, pp. 182 a 188.



Ponte sobre o Rio Alva, em Avô



Igreja Matriz de Avô, séc XIV

2ª Parte

A participação de Brás Garcia nas Campanhas Militares da Guerra da Restauração

Capítulo I – Causas Gerais da Revolução

Como a História refere, a presença castelhana no domínio de Portugal era cada vez mais forte ao ponto do Conde Duque de Olivares, D. Gaspar de Gusmão, ministro de Filipe IV, planear a anexação de Portugal como simples província do Reino de Castela.

Os dois Secretários de Estado de Portugal, D. Diogo Soares, em Madrid e D. Miguel de Vasconcelos, em Lisboa, seguiam, uma política de tirania esmagadora, um, destruindo os brios, consumindo as energias, direitos, foros e privilégio dos nobres portugueses, outro procurando aniquilar os elementos de vida e resistência que ainda restavam. As razões para a revolta eram suficientes.

Já em 1637, o povo de Évora, pela exorbitância dos impostos que foram decretados, se havia revoltado, mas ingloriamente, pois nem a nobreza a perfilhara, nem um chefe, legítimo, a assumira; o próprio Duque de Bragança, senhor de uma casa opulentíssima, talvez a mais rica da época, apressou-se a manifestar a sua fidelidade ao Monarca Espanhol, ou porque o momento não seria o mais oportuno, ou porque não quisesse arriscar, perder, ou, apenas, ver diminuídos os seus privilégios¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Cf. António de Oliveira, *Poder e Oposição Política em Portugal*, Lisboa, Difel, 1991.

A oposição ao domínio filipino registou-a, assim, o poeta:

*“Luta o valor com mil dificuldades,
A todos derrubando em prophecia,
Por acabar com mil adversidades,*

*Por desterrar a estranha tirania,
Por evitar rendidas dignidades,
Por restaurar a antiga Monarchia,
E por não sofrer mais tantos tributos
Que brutos nos deitavão como a brutos”¹¹⁰.*

Mas o Duque era uma constante ameaça à integridade dos estados de Castela.

A revolta da Catalunha, que eclodira em Junho de 1640, a de Aragão e a guerra com a França, diminuían seriamente as possibilidades de outras intervenções militares de Castela.

A situação de descontentamento alastrava, agravou-se em 1640, 24 de Agosto, com a chegada de uma ordem de Castela, pela qual toda a nobreza portuguesa era obrigada a comparecer em Madrid, acompanhada de grandes levas de tropas, para se integrar, quer nas lutas contra a insubordinação de Aragão, quer nas contra a Catalunha.

O duque de Bragança integrar-se-ia no séquito de Filipe IV, segundo o plano de Olivares; este plano incluía a detenção do Duque logo que pisasse solo castelhano, tirando assim aos portugueses a sua esperança neste chefe.

Esta situação, logo que conhecida, acicatou os sentimentos de revolta em Portugal – povo e nobreza –, mas o duque de Bragança mostrava-se irreduzível em encabeçar essa aventura, que, alías, se ia organizando em grande segredo por elementos da nobreza.

Perante a situação, e face ao dilema, verdadeiro ultimato que os revoltosos lhe põem, acaba por ceder.

Chegou-se ao 1º de Dezembro de 1640, a que o povo se associou de imediato e sem receio, um pouco influenciado pelo clero e pelas canções proféticas do sapateiro Bandarra, de Trancoso.

¹¹⁰ V. T., XV, 81.

Como em qualquer revolução, tiveram lugar os mais incrédulos e incríveis acontecimentos e ocorrência pontuais principalmente em Lisboa, mas também em todo o país conforme a notícia se ia espalhando, onde foi entusiasticamente recebida e os fortes e os castelos iam sendo sucessivamente entregues à mão portuguesa¹¹¹.

A Coimbra chega a notícia apenas a 5 de Dezembro.

Brás Garcia, já em Lisboa, assiste à cerimónia de juramento de D. João IV, no Terreiro do Paço, a 15 de Dezembro, como Rei de Portugal.

O júbilo pela aclamação de D. João IV, expressou-o nos versos que se seguem:

*Com linguas de Vulcano o mar o aclama
A terra com mil vivas o apposenta
Dentro dos corações que o amor inflama
Na gozada presença, que os alenta.
Publica-se por Pay, filho os chama,
Preeminencia que só goza, & sustenta
O Luso Império, que outro não gozara,
Se o legitimo Pay lhe não faltara.*

*Se em tempo de Gentios florecera,
Adorado por Deos em vida fora,
Pois a Christã Nação, que recupera
Faz em parte esquecer do deos, que adora
Com espécie Gentílica o venera
Todo o Viandante, que se encontra fora,
Que em vez de “Deos vol salve”, dizem – “Viva
El Rey Dom João, que a Pátria descativa”¹¹².*

Segundo Brás Garcia, a adesão ao movimento restaurador verificou-se em todo o Império:

*“Nas mais partes do Império dilatado
Por ultra mar aonde a nova soa,
Hé logo Rey legitimo acclamado,
Sem discrepar a voz de hua pessoa:*

¹¹¹ Cf. António de Oliveira, “A Restauração”, in *História de Portugal*, dir. de João Medina, vol. VII, Amadora, Ediclub, 1995, pp. 87-106.

¹¹² V. T., XV, 98.

*Porque o propinquo Estado
Observa sempre a grimpa de Lisboa;
Mas que os ventos lhe dem de vários modos,
Pêra donde ella vira, viram todos”¹¹³.*

À proclamação da Independência seguiu-se a Guerra da Restauração¹¹⁴. Seria necessário, a todo o custo, defender a fronteira, organizar todos os serviços, conjurar os múltiplos perigos, repensar o Império, muito cobiçado, enfraquecido e desmotivado.

A defesa era prioritária. Era necessário convocar soldados e obter armas, e dinheiro. Muitos nobres andavam afastados, tendo passado outros para Madrid.

Nesta conjuntura, D. João IV convoca cortes e obtém apoio para cobrar o imposto da décima destinado ao financiamento da guerra.

Mas alguns, de imediato e com maior sentido patriótico, convergiram para Lisboa. Foi o caso de Brás Garcia que havia de assumir o posto de capitão de Infantaria do Exército da Beira que lhe foi confiado por D. João IV¹¹⁵.

¹¹³ V.T., XV, 99.

¹¹⁴ Cf. Fernando Dores Costa, *A guerra da Restauração, 1641-1668*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004.

¹¹⁵ ANTT, *Chancelaria de D. João IV*, Liv. 12, f. 13.

Capítulo II – Organização Militar

A fronteira terrestre com Castela era zona mais vulnerável. Foi dividida em “partidos” e para cada um deles, nomeado um comandante, “um cabo-de-guerra experiente”¹¹⁶.

O plano inicial desta organização militar para a campanha previa o país dividido em vinte e duas comarcas. Em cada uma delas se procederia ao recenseamento da população masculina dos 15 aos 70 anos.

Das listas do recenseamento se retiravam as “*Companhias de Ordenança*” – indivíduos solteiros não primogénitos – e “*Terços Auxiliares*” – os restantes com a missão de guarda da fronteira. Cada *Terço* era composto por cinco companhias e cada uma destas por cem homens.

O comando do “*Partido da Beira*” é entregue a D. Fernando de Mascarenhas, que combatera em 1638, em Pernambuco contra os holandeses. O conde da Torre não chega, porém, a exercer funções sendo substituído pelo General D. Álvaro de Abranches da Câmara¹¹⁷ sob cujas ordens operava Brás Garcia.

D. Álvaro de Abranches passou por Coimbra em 5 de Fevereiro de 1641 seguindo depois para Viseu, Trancoso, Pinhel e Almeida.

Em Trancoso “consagraram com uma campa comemorativa à memória do sapateiro-profeta Gonçalo Anes Bandarra, cujo, nome, vinculado às canções que lhe eram atribuídas, contribuiu muito para a preparação do movimento restaurador”¹¹⁸.

Foi em Pinhel que nesta operação permaneceu mais tempo, tendo daí despachado os seus capitães a fazerem “*levas*” – recrutamentos – por todo o país.

Foi nesta vila notável que Brás Garcia apresentou a sua companhia, denominada “dos Leões”. As circunstâncias da formação bem como a respectiva composição da companhia são, assim, descritas por Bento Madeira de Castro que teve como fontes algumas “poucos” sobreviventes: “juntou uma Companhia de

¹¹⁶ Cf. Fernando Dores Costa, *ob. cit.*

¹¹⁷ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, doc. XXXVIII, pp 18-19.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 208.

Mancebos, & lusidos das terras circunvezinhas, que levados da ambição da honra & gloria militar, que elles lhes persuadia espontaneamente se apresentarão em a Praça de Pinhel, & o tomarão por seu capitão como experto, & pratico na guerra”. Quanto à denominação de Leões decorreu do “brio & generosidade” com que desempenharam as “empresas” que lhe foram cometidas.

A organização militar da Beira foi descrita pelo Doutor João Salgado de Araujo, Abade de Pêra, na obra intitulada “*Sucessos militares das armas portuguesas em suas fronteiras depois da Real Acclamação contra Castela. Com a geografia das Províncias & nobreza dellas*”¹¹⁹. Esta obra publicada em 1644 mereceu a seguinte apreciação de Brás Garcia:

*“A Beyra a deve às letras, vigilância,
Raro ingenho, & perícia veterana
Do Doutor João Salgado, digno Abbade
De Pêra, Tito Lívio desta idade”*¹²⁰.

João Salgado registou, com particular destaque, o desempenho de Brás Garcia, referindo que foi o primeiro capitão que se apresentou, já em Almeida, a D. Álvaro, com uma companhia de 183 soldados, “*os mais deles gente nobre, e todos luzidios e alentados*”. Era a célebre “*Companhia dos Leões*”¹²¹.

Brás Garcia conseguiu alistar um grande número de soldados, mobilizando-os com um discurso patriótico:

*“Todo Luso Varão de posto & fama,
Se achou nesta batalha, & mostrou nella
Todo o valor, & brio; que quem ama
O bem da Pátria, acode a defendela.
Quem repousar se deyxá em branda cama,
Em quanto, o que a defende, em campo vela,
Sem à Fronteyra ir cedo, nem tarde,
Ou Castelhana hê, ou hê covarde”*¹²².

¹¹⁹ João Salgado de Araujo, Abade de Pêra, *Sucessos militares das armas portuguesas em suas fronteiras depois da Real Acclamação contra Castela. Com a geografia das Províncias & nobreza dellas*, Lisboa, Oficina de Paulo Craesbeek, 1644.

¹²⁰ V.T., V, 14.

¹²¹ *Ob. cit.*, p. 116

¹²² V.T., X, 125.

O êxito de Brás Garcia na mobilização de valerosos beirões para a guerra explica-se pelo profundo conhecimento que tinha da região, contando, por certo, com a colaboração dos poderosos locais.

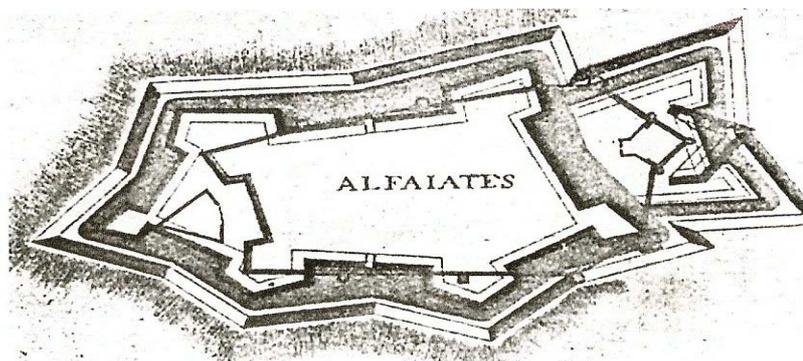
*“[...]Homens de grã valor e de maduro
Conselho, e de tal mestre aconselhados
No que haviam de obrar, para mostrarem,
Que dignos eram de armas governarem”¹²³.*

*“Nova lista fizeram, facilmente
Se lhe agregaram muitos dos primeiros
Porque dentro da pátria faz mais gente
Um natural que trinta forasteiros”¹²⁴.*

D. Álvaro percorreu toda a raia com vista à reconstrução dos castelos. Manifestou ainda particular preocupação com a pacificação do território, quer de uma quer da outra parte da fronteira, mostrando a todos o inconveniente de desnecessárias hostilidades nomeadamente através da destruição e roubo de bens.

O reconhecimento das qualidades militares de Brás Garcia explica a sua nomeação para governador do castelo de Alfaiates, chamado em tempo castelhano *Castilho de Luna*, o qual se encontrava ainda em ruínas; este castelo fazia parte, desde D. Diniz – 1296 – da linha de fortes de Riba Côa.

No exercício das suas funções inicia, desde logo – 1641 – a reconstrução desta fortaleza com uma nova arquitectura, adaptada à situação militar da época¹²⁵.



Planta da Fortaleza

¹²³ V.T., XVI, 31

¹²⁴ V.T., XVI, 32

¹²⁵ Sobre esta fortaleza Cf. General João de Almeida, *Roteiro dos Monumentos Portugueses*, Vol. I. p. 302.



Fotografia aérea e actual do Castelo de Alfaiates

Na reconstrução desta fortaleza, Brás Garcia teve oportunidade de aplicar os seus conhecimentos de arquitectura militar obtidos provavelmente no Brasil:

*“As que de pedra inda agora achamos,
Eram que as cortinas, levantadas
Ao revés de Epiphérias, que hoje vsamos
Mais bayxas, & mais bem descortinadas;
Que além de que melhor terraplenamos,
Nossas cortinas são mais franqueadas,
Porque hé de Praças militar sentença,
Quanto mayor travès, mayor deferença”¹²⁶.*

Devido aos seus profundos conhecimentos técnicos, o capitão de infantaria de Avô cometeu o feito assombroso de fazer as obras no castelo de Alfaiates apenas em três meses.

Brás Garcia deixou ainda o levantamento dos castelos de Riba Côa documento este, manuscrito, aparecido mais tarde e ao qual nos referiremos mais à frente¹²⁷.

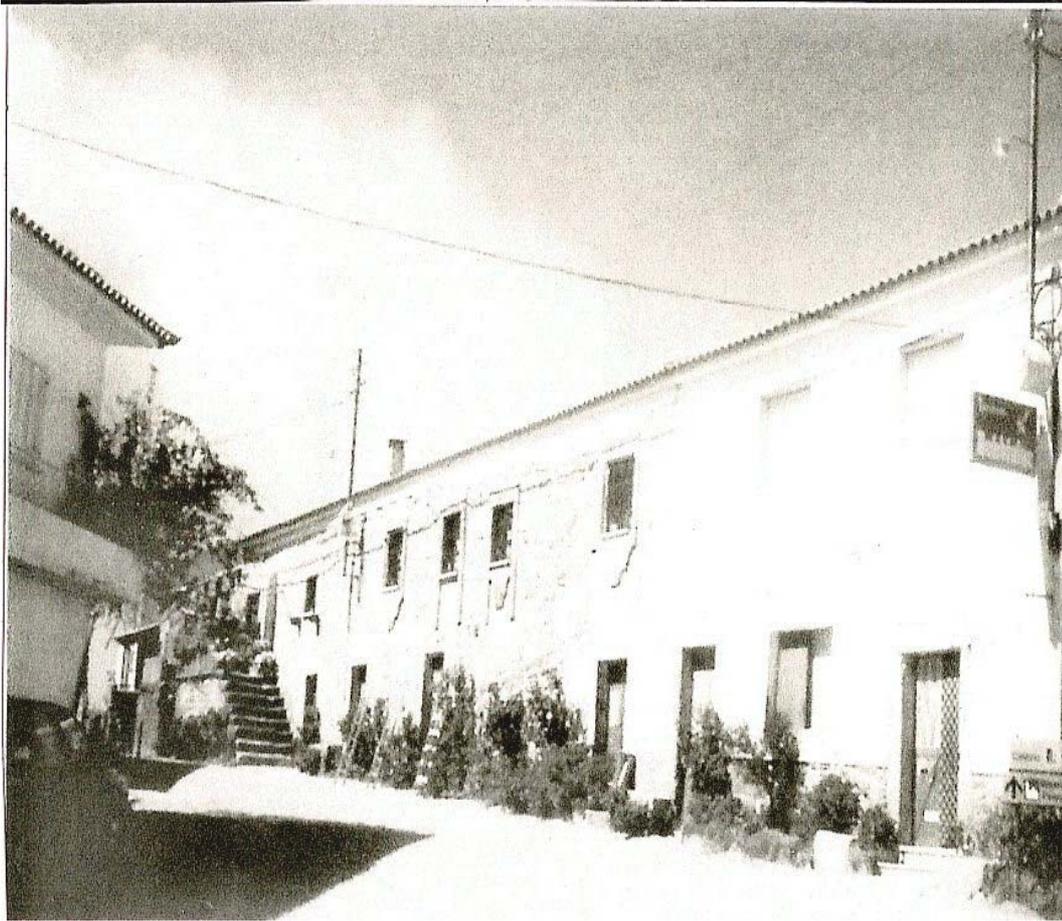
O apreço que o poeta aventureiro tinha pela arquitectura registou-o no seu poema:

*“A arquitectura honra as outras Artes:
Muros, Portas, Sortidas, Esplanadas,
Cavalleyros, Sortidas, Baluartes,
Rebelins, Cavas, Pontes, Estacadas,
E outras mil invenções em varias partes
Fabrica com primor descortinadas:
Toda se applica à Guerra defensiva,
Nos sítios participa da offensiva”¹²⁸.*

¹²⁶ V.T., II, 18.

¹²⁷ Cf., G. Mendes da Cunha Saraiva, *A Região de Ribacôa e um Autógrafo de Brás Garcia*, Coimbra Editora, 1930.

¹²⁸ V.T., IV, 16.



Antiga Casa de Brás Garcia, em Alfaiates, na Rua Direita

Capítulo III – A Prisão no Sabugal

Para além dos dotes revelados na arquitectura militar, Brás Garcia dominava outras artes de grande importância na guerra, caso da espionagem¹²⁹.

*“Pára à vista dos Lusos Estandartes,
Que floreão contentes os soldados,
Incitando aos Romanos com mil artes
Ao vão com que se vem embaraçados.
Mas a noyte occultou ambas as partes,
Dando repouso a todos os caçados,
Não às vigias, que nos orizontes
Argos dos valles saõ, lynces dos montes”*¹³⁰.

*[...] E logo sobre Plaucio despedindo
Muytas Espias, trata com destreza
Das prevenções, que destros prevenidos
Difficilmente podem ser vencidos”*¹³¹.

Os castelhanos dispunham na área da fronteira de três castelos – Albergaria, El Playa, e Eljas –, fonte de grandes preocupações de D. Álvaro e dos quais nada ou pouco se conhecia.

Brás Garcia encarregou-se dessa empresa, reconhecer esses castelos. Como foi possível tal façanha? Brás Garcia disfarçou-se de mendigo e de pedinte andrajoso, ulcerado e com deformação comovente, transfigurando-se num “mendigo viandante”, esmolando “una limosna, por amor de dios”, lamuriando e chorando “padre nuestros”, muito arrastados. Assim se encostava às muralhas, penetrava nas paradas dos castelos, vendo, analisando, tomando secretas notas. Artes dum verdadeiro e profissional espião. Reportando-se à forma obteve a informação que lhe permitiu elaborar as plantas dos castelos de Elge e Paio escreve Brás Garcia: “andei disfarçado sobre aquella serra com homens práticos

¹²⁹ Cf. Rui Bebião, *ob. cit.*, pp. 140-142; Fernando Cortés Cortés, *Espionagem e contra-espionagem numa guerra peninsular 1640-1668*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

¹³⁰ V.T. IX, 52.

¹³¹ V.T. IX, 58.

nella que me mostrarão tudo e assi vou escrevendo o que vi e o que me disserao”¹³².

Em pouco tempo se apresentou perante D. Álvaro entregando-lhe “as plantas dos três castelos, acompanhadas de informações preciosas sobre o modo de neles entrar, quando fosse ocasião oportuna”¹³³.

No momento que Brás Garcia estava na “mayor prosperidade voltou a fortuna a roda” no contexto de um equívoco ocorrido no momento em que houve uma incursão da Cavalaria e da Infantaria Castelhana em terras portuguesas. Segundo Bento Madeira de Castro o exército inimigo depois de praticar muitas hostilidades, regressou ao seu território carregado de despojos e levando mais de vinte mil cabeças de gado.

Neste contexto, Brás Garcia recebe ordens contraditórias. D. Sancho Manuel ordenou-lhe que não saísse da praça de Alfaiates e aguardasse socorro. Por sua vez, Fernão Teles de Meneses ordenou-lhe que tentasse “impedir o passo ao inimigo”. Por a considerar “mais gloriosa” e se lhe acomodar mais ao “animo” o poeta guerreiro optou por cumprir a segunda ordem e procedeu assim: “deixadas algumas Companhias de presídio, sahio com duzentos mosqueteiros, & os dispoz de emboscada sobre o rio Águeda em o Porto de S. Martinho dividindo-os em dous montes, que abria o valle por onde necessariamente avião de passar os Inimigos, os quais sendo já chegados passarão diante todos os seus gados, & entrados ja no valle lhes sobrevierão tais cargas de mosquetaria, que se derao por obrigados a virar as costas persuadidos ser muito numeroso o poder contrario, & deixando muitos mortos, & toda a preza se retirarão fugitivos”¹³⁴.

A valentia de Brás Garcia desagradou a D. Sancho Manuel. Sem ser ouvido e “...sem se lhe admitir defesa”, foi preso por ordem do General Meneses e enviado para as masmorras do Castelo de Sabugal, em Maio de 1642.

Num extenso relatório elaborado por Fernão Teles de Meneses em que dá conta ao monarca das operações de guerra na fronteira da Beira, Brás Garcia é

¹³² J. Mendes da Cunha Saraiva, *A Região de Ribacoea e um Autógrafo de Brás Garcia*.

¹³³ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, p. 225-226

¹³⁴ Pina Marins, *cit.*, p. 2

acusado de ser “pouco confidente”. Acusado de “infidelidade” foi também o Governador de Almeida, Rodrigo Soares Pantoja, sendo igualmente preso¹³⁵.

O General Meneses já dera provas de algum despeito e ressentimento em relação ao militar de Avô. Ao assumir, em Março de 1642, as suas funções na Beira, teve uma recepção muito ostentosa de todos capitães e governadores das praças. Salgado de Araújo identifica, entretanto, uma ausência; “Só o Capitão Brás Garcia Mascarenhas, que governava as armas do castelo & vila de Alfaiates não acudiu a este empenho, por estar advertido que o Capitão do Castelo de Alvergaria, seu opositor, fazia preparaçoens de guerra, com desenho de entrar em Portugal, por aquelle destrito”¹³⁶.

Apesar de a ausência de Brás Garcia ser justificada, ela não terá sido vista de bom agrado pelo General.

Vivia-se um período muito conturbado por acções de fronteira, mas Teles de Meneses relegava para segundo plano as estratégias propostas por Brás Garcia, recusando muitas vezes as opiniões do valoroso militar.

As relações entre os protagonistas da guerra eram, no entanto, marcadas por vários conflitos e suspeições, como o que a seguir se refere:.

D. Sancho Manuel foi provido, logo em 13 de Novembro de 1641, no cargo de Mestre de Campo; “era um soldado valoroso e largamente experimentado nos muitos anos que militou na Itália e na Flandres e ultimamente no Brasil com o posto de Sargento-mor (...) em Fevereiro de 1642 já ocupava o seu posto na Beira”¹³⁷.

De forma inesperada, apesar da sua forte ligação ao General Teles de Meneses manifestou em carta a El Rei, em 7 de Novembro de 1642 a “impossibilidade com que me acho de poder continuar ho que tanto desejo nesta fronteira. E é deveremseme oito meses de soldo que para quem é tão pobre como Vossa Majestade sabe que eu sou me parece que não há sido pouca fineza o sustentar-me todo este verão sendo sempre em tudo o que se empreendeo ho primeiro. E se as possibilidades de uma mãe pobre e viúva forao bastantes

¹³⁵ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, doc. XLVI, pp. 24-27.

¹³⁶ *Ob. Cit.*, p. 374.

¹³⁷ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 235.

continuara por diante como atéqui. Ademais senhor que nessa corte tenho negocios así meus como de minha may que necessitão de minha assistência e sem ele pereserão e o inverno que impossibilita com seu rigor as entradas de Castela pode fasilitar a Vossa Magestade ho fazer-me merse de concederme licença polo tempo limitado que for servido. E quando Vossa Magestade não seja servido de comsiderme esta merse ma fasa dando me licença que me recolha este Inverno a uma comenda de que me fés merse porque além de não ter com que me sustentar, com ho General Fernão Teles me é mui dificultoso servir por ver quão pouca conta faz dos soldados honrados e valentes e quam remisso é no importante do serviso de Vossa Magestade ¹³⁸”.

Os argumentos invocados nesta carta evidenciam as dificuldades vividas pelos militares na guerra, nomeadamente, as relacionadas com a sua sustentação e a da sua família, o que os levava por base a abandonar o teatro de guerra e procurar junto da corte as devidas recompensas para os serviços prestados ¹³⁹. Demonstram igualmente as más relações entre os dois militares.

Em 21 de Novembro de 1642, Fernão Teles de Meneses, envia um relatório a El-Rei onde refere que D. Sancho Manuel abandonara o serviço, partindo de Alfaiates para a Guarda e daí para parte incerta ¹⁴⁰.

Por sua vez, D. Sancho Manuel, logo de seguida, justifica-se dizendo que se ausentou por uns dias; que Teles de Meneses o mandara prender; que pediu apenas o seu soldo ao pagador por não poder continuar a sustentar-se sem receber dinheiro e pedindo uma devassa ao seu procedimento ¹⁴¹.

Segue-se novo relatório de Teles de Meneses, explicando a situação e “*afeando*” o procedimento de D. Sancho, novas respostas, várias acções, segue-se a devassa a D. Sancho, e a consulta ao Conselho de Guerra, favorável a reintegração de D. Sancho. Merecendo o devido castigo, foi, entretanto, preso no Limoeiro.

Este processo de D. Sancho foi longo, quer pela importância militar deste nobre, quer pelo cargo que desempenhava; era membro do Conselho de Guerra.

¹³⁸ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, doc. XLVII, pp. 28-29.

¹³⁹ Cf. Jorge Penim de Freitas, *O combatente durante a guerra da Restauração. Vivência e comportamentos dos militares ao serviço da coroa portuguesa, 1640-1668*, Lisboa, 2007.

¹⁴⁰ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, doc. XLVIII, pp. 29-30.

¹⁴¹ *Ibidem*, docs. L a LVI, pp. 33-43.

D. Sancho passou depois a ocupar vários cargos públicos, foi ainda o herói da batalha do Ameixial.



Imagem de D. Sancho Manuel de Vilhena, Conde de Vila Flor

Entretanto, Brás Garcia permanecia nas masmorras do Sabugal, sentindo a profunda injustiça de que estava a ser alvo. No *Viriato Trágico* denunciou as atitudes de todos aqueles que o traíram e o abandonaram depois de o aplaudirem:

*“[...]De treydores vilíffimos trahido
Se verà prezo em vez de fer premiado,
Porque treydores faõ muyto mayores
Os que querem de leais fazer treydores”*¹⁴².

*“Verse-há nesta prizão injusta o pouco
Que podem confiar os que militão,
No applauso popular, no vulgo louco
Que aquém levantao mais, mais precipitão.
Como charqueiras raãs, estrondo rouco
Contra o prezofarão, que rãas imitao
Os que longe murmurao dos absentes,
E que immudecem quando os vem presentes”*¹⁴³.

E denuncia a ingratidão dos homens.

*“[...]Tão mal mo satizfez o vulgo ingrato,
Tanto emulos inuteis me invejarão
Que me chegarão a por em mais perigos
Os naturais, que os propios Inimigos”*¹⁴⁴.

A prisão injusta de Brás Garcia revoltou profundamente os seus soldados. Por este motivo, muitos fugiram, sendo a deserção explicada pelo facto de “*ser mal paga a gente*”, “*ao verem como eram premiados os oficiais mais distintos*”.

O General, logo em 22 de Maio de 1642, em carta, pede ao monarca que lhe enviasse “*pessoa de grande experiência e de grande talento, para governar a praça de Alfaiates, chave de toda esta província da Beira*”. Só em Dezembro de 1642 é que é nomeado esta praça de Alfaiates o Capitão João Babilão de Sousa; porém, só mais tarde ocupou o seu posto, pois que, dificuldades económicas e falta de meios não o permitiram antes.

A praça, entretanto, ia sendo governada interinamente, mas, embora os soldados fossem na maioria da *Companhia dos Leões*, os seus sucessos contra o inimigo estavam muito longe dos alcançados por Brás Garcia; só isolada e esporadicamente eram por eles cometidos alguns grandes feitos.

¹⁴² V.T., 14, 86.

¹⁴³ V.T., 14, 86.

¹⁴⁴ V.T., 14, 101.



Castelo de Sabugal



Fotografia da porta da prisão no Castelo de Sabugal

As circunstâncias da vida na prisão bem como a engenhosa estratégia no sentido de se libertar agora, através de meios pacíficos, são-nos reveladas pelo seu primeiro biógrafo.

“Nesta prisão solitária o privaram de toda a comunicação, & subtraindo-lhe pouco a pouco o mantimento, lhe pertendião abreviar os dias”.

Nestas circunstâncias valeu-se do seu engenho e traçou um plano: “vendo-se já desemparado de todo o favor humano se valeo de sua industria mandando pedir pello seu servente, que ao menos lhe mandassem hum livro seu ordinário alivio, já que não consentiao o divertimento de escrever & juntamente que para seus achaques lhe mandassem farinha, & linhas, & tisoura para refazer seus vestidos”.

O pedido do preso foi atendido. Enviaram-lhe o Flos Sanctorum dizendo-lhe “que era o que mais lhe servia pêra se encomendar a Deos”. Com o livro recebeu ainda a farinha, uma tesoura e linhas. Com todo este material produziu uma carta, procedendo da seguinte forma: “pegando da tisoura foi cortando as letras huma a huma as que lhe serviao do livro; fez cola da farinha com a qual unindo-as com muyto vagar, & industria compaginou huma discreta carta em verso muy limado para o Senhor Rey D. João o IV em que relatava sua prisão & innocencia”.

Em seguida atou a carta a uma linha e, “no escuro da noute”, pediu a um soldado da sua confiança que a entregasse ao seu irmão que, por suavez, a levaria a Lisboa.

“... lendo o paternal Rey a carta também lançada” ordenou, de imediato, que o preso fosse levado à Corte. Chegado a Lisboa rodeado de guardas, o “piadossissimo Rey” concedeu-lhe “audiência afável”¹⁴⁵.

*“A ter estranho rei longe, era certo
Que puderam traidores derrocar-me;
Com o ter natural, tão justo, e perto,
Atropei quem quis atropelar-me.
Vendo-me livre com ditoso acerto,
Não quis de cargos mais encarregar-me,
Por não dar ordens, nem estar a elas,
Porque o dá-las é mau, pior recebê-las.”¹⁴⁶.*

¹⁴⁵ Bento Madeira de Castro, “Breve resumo da vida de Brás Garcia de Mascarenhas”, in *Viriato Trágico*.

Graças ao seu engenho, o capitão de Avô conseguiu denunciar junto do rei os seus traidores. Nestas circunstâncias, o Rei reparou a injustiça e devolveu-lhe o governo militar da praça de Alfaiates.

Entretanto, um dos responsáveis pela prisão de Brás Garcia, o mestre de campo Dom Sancho Manuel era preso, por ordem régia, em Junho de 1643, no Limoeiro¹⁴⁷.

A amarga experiência sofrida no exercício deste cargo levou-o, no entanto, a solicitar a sua substituição. Mas pouco tempo permanece em Avô. O apelo do serviço à Pátria vai agora levá-lo ao Alentejo para participar na campanha de 1643.

*“A guerra sigo voluntariamente,
Se ouço rebate, se me o fecho acena,
Que quem a professou, e mandou gente,
Por vicio a segue, sem assombro, ou pena.
Se o inimigo quer entrar potente,
Ou se entrada de porte se lhe ordena,
Com grã zelo da Pátria me detenho,
E se vejo que as cabras vão, me venho”¹⁴⁸.*

Segundo Salgado de Araújo, Brás Garcia alistou-se no terço do mestre de campo João de Saldanha de Sousa.

A guerra da Restauração que assumira até aí uma feição defensiva, torna-se ofensiva, modalidades descritas pelo poeta no seu poema heróico:

*“Esta he sempre offensiva ou defensiva,
Tal vez se alterna, ou muda, o que notamos
Na presente mudada em offensiva,
Posto que defensiva a começamos
De exercitar Exercito deriva;
Este, porque também o definamos,
Hé quanto muyta Gente bem regida
E bem armada, vay marchando unida”¹⁴⁹.*

¹⁴⁶ V.T., 15, 102.

¹⁴⁷ António de Vasconcelos, *ob.cit*, doc. LVII, p. 41.

¹⁴⁸ V.T., XV, 103.

¹⁴⁹ V.T., IV, 14.

Brás Garcia iniciou a campanha como “capitão reformado”, assumindo posteriormente as funções de “capitão vivo”, governando a sua companhia e outras de capitães feridos na guerra. Participou em todos os assaltos e recontros na vila de Valverde “e nas mais praças da Andaluzia”, como se regista num diploma régio¹⁵⁰.

Participou ainda na batalha do Montijo onde se destacou o general Matias de Albuquerque que seria distinguido com o título de conde Alegrete.

Prestou todo este serviço de forma abnegada e generosa sem nada ter recebido da fazenda real.

Os serviços prestados na defesa da Beira e sua prestação nas campanhas do Alentejo, seriam recompensas, em 14 de Maio de 1644, com a concessão do hábito da Ordem Militar de S. Bento de Avis, de uma comenda e de uma pensão anual de 20 mil reis¹⁵¹.

No alvará de concessão da pensão de 20 mil reis e da comenda da Ordem de Avis, D. João IV invoca os serviços prestados na guerra na sua qualidade de capitão de infantaria, nomeadamente: o recrutamento de soldados, a prisão de desertores, a informação obtida nas “terras do inimigo”, a reparação do castelo de Alfaiates e o governo desta praça¹⁵².

No diploma régio referem-se igualmente as razões de doença grave que levaram Brás Garcia a regressar a Avô.

¹⁵⁰ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, Doc. LX, pp. 43-44

¹⁵¹ ANTT, *Chancelaria da Ordem de Avis*, Liv. 14, f. 166 e 166 (v).

¹⁵² António de Vasconcelos, *ob. cit.*, Doc. LX, pp. 43-44.

Cap. IV – Uma pausa na Guerra: o casamento de Brás Garcia.

Brás Garcia regressou a Avô com a saúde muito débil, mas com a sua honra reparada e muito acrescentada graças ao reconhecimento régio dos serviços prestados à Pátria¹⁵³.

No aconchego da sua Pátria depressa se recuperou. Chegara, por fim, o tempo de constituir família.

As relações de Brás Garcia com D. Maria Madeira da Costa, irmã da sua antiga namorada, D. Cecília (casada com D. Aleixo Afonso) falecida em 1664, e que fora casada (aquela D. Maria) em Avô com D. João Manuel da Fonseca, capitão-mor de Avô, no ano de 1617, não eram as melhores, como será óbvio; porém, dado o prestígio e a fortuna alcançada por Brás Garcia, a situação melhorara.

De D. Maria Madeira e de D. João Manuel existia uma filha, D. Maria da Costa Fonseca, baptizada em 18 de Novembro de 1618; com 17 anos, iniciou uma aproximação grande ao poeta; este, como se disse, já com 39 anos.

Nada era, no entanto, pacífico na vida de Brás Garcia. As presenças em Avô e as suas ausências ocorridas durante os 10 anos de namoro provocaram rumores caluniosos.

O poeta refere-se a estas calúnias propagadas pelo “vulgo”:

*“ [...] Se a honra de mulher é vidro fino
Que não solda, uma vez que foi quebrado ”¹⁵⁴.*

E decide reparar a honra da donzela e de sua família.

*“Que como hé vario, crédulo, inconstante,
Sem honra, sem vergonha, & sem verdade,
Tudo o que diz, desdiz de instante a instante,
Porque tudo hé quimera, & falsidade,
Se de impudica te infamou constante,*

¹⁵³ Sobre o significado da pertença a uma ordem militar, Cf. Fernanda Olival, *As ordens militares e o estado moderno: honra, mercê e venalidade em Portugal (1641-1789)*, Lisboa, Estar Editora, 2001.

¹⁵⁴ V.T., XII, 84.

Casando-se honrará tua castidade
“*Que toda a nota purga uma donzela*
Que se casa com quem foi causa dela”¹⁵⁵.

O casamento de Brás Garcia, ocorrido em 16 de Fevereiro de 1645, viria por termo às vis maledicências.

O poeta não era homem de meios termos. Tudo nele era arrojado e grandioso. Assim foi o seu casamento. Sobre esta festa escreve António de Vasconcelos: “casamento de tanta prosápia, pelas condições sociais dos noivos, deveria ser dia de festa em Avô. Para maior solenidade, e para aumentar a espectacularidade do acto, escolheu-se para ele um dia santificado. Foi no domingo da sexagésima, que o povo denomina de *domingo-magro*”. [...] Frei Brás Garcia, levando aos ombros o seu manto branco de Cavaleiro de Aviz, com a elegante cruz verde flor delisada destacando em bordadura sobre o lado esquerdo do peito, como não viria ufano, de regresso da igreja, ao entrar em sua casa, trazendo pelo braço a sua formosa e nobre consorte D. Maria da Costa Fonseca”¹⁵⁶.

Brás Garcia e D. Maria da Costa tiveram seis filhos: António Garcia de Mascarenhas (14 de Dezembro de 1645); Tomás de Aquino Garcia Mascarenhas (7 de Março de 1647), Isabel da Fonseca de Mascarenhas (31 de Dezembro de 1648), Quitéria Garcia Mascarenhas (29 de Junho de 1651), Brás Garcia Mascarenhas (22 de Março de 1653) e Maria Garcia Mascarenhas (20 de Maio de 1655).

O filho Tomás seguiu a carreira eclesiástica. Coursou Instituta na Universidade de Coimbra¹⁵⁷.

Os anos de 1673 a 1676 foram de luto, marcados pelo falecimento de quatro filhos do poeta: Brás Garcia (1673); Tomás (1674), Maria (1675), Isabel da Fonseca de Mascarenhas (1676).

Quitéria Garcia Mascarenhas casaria com o primo Manuel Garcia Mascarenhas.

¹⁵⁵ V.T., XIV, 89.

¹⁵⁶ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 309.

¹⁵⁷ *Ibidem*, doc. C, pp. 73-74.

1645

Aos 19 de feuer.º se receberam em minha presença / feitas 2 de min
ciacuz, 1.ª do ordinário) frei Brás Gr.ª M.ªs filho de marcos
Gr.ª e de ilena madr.ª cõ dona m.ª da Costa filha de J.º m.ª de
da Fonseca, e de m.ª mad.ª da Costa forã test.º marcos gr.ª J.º m.ª
o.º m.ª gr.ª mathias frz. e outros da mesma uilla de q fiz e
eodem die Roque Dias de Matos

*Assento de Casamento de Brás Garcia*¹⁵⁸.

1645

“Aos 19 de feuer.º se receberam em minha presença (feitas 2 denunciaçãoes de
1.ª do ordinário) frei Brás Gr.ª M.ªs filho de marcos Gr.ª e de ilena madr.ª cõ
dona m.ª da Costa filha de J.º m.ª de da Fonseca, e de m.ª mad.ª da costa forã
test.ª marcos gr.ª J.º m.ª gr.ª mathias frz e outros da mesma uilla de q fiz e
assinei eodem die”.

*Roque Dias de Matos*¹⁵⁹

¹⁵⁸ António Vasconcelos, ob.cit., p. 310.

¹⁵⁹ *Ibidem*, Doc. LXII, p. 44.

Cap. V – “Leva” na Comarca de Esgueira

Apesar de Brás Garcia ter casado em 19 de Fevereiro de 1645, isso não o coibiu de se integrar na campanha militar que teve ponto forte na batalha do Montijo, cujas tropas, comandadas pelo general Matias de Albuquerque, herói de Pernambuco, alcançaram nova vitória, como sucedera em Badajoz:

*“Porem quando as ruins novas se publicão
De que alguns muros nossos tem cercados,
O que causa não tem, nem vay asinha,
Ou não hê Portuguez ou hê galinha”¹⁶⁰.*

Nesta altura, Maio de 1645, terminada a campanha da primavera, já casado, começam a aparecer referências deslustradoras, quer ao capitão Brás Garcia, quer a frei Brás Garcia, que era a mesma personagem.

A sua estada em Avô ia sendo entrecortada por acções, esporádicas, de natureza militar face aos pedidos que lhe eram dirigidos – que nunca rejeitava – de “*levantar gente*” para as sucessivas campanhas que a guerra provocava.

Em 1646, como Castela se preparava, de novo, para invadir Portugal, D. João IV seguindo o parecer do Conselho de Guerra, mandou fazer novas “*levas*” em Coimbra e em Esgueira. Brás Garcia foi incumbido da “*leva*” na Comarca de Esgueira, por indicação de D. Rodrigo, conde Serem, governador de armas da província da Beira¹⁶¹.

Sobre as razões que levavam as chefias militares a atribuírem a Brás Garcia, escreve António de Vasconcelos: “Não estando prevenido de que à comarca de Esgueira ia D. Fernando fazer as *levas*, D. Rodrigo pensou nas dificuldades e melindres muito especiais que oferecia o levantamento naquela região, em face da repugnância incoercível da gente da beira-mar a alistar-se no exército, e pela oposição dos maioraes, personagens gradas e de influência, que não queriam que seus afilhados e protegidos pegassem em armas. Por estas

¹⁶⁰ V.T., X, 126.

¹⁶¹ Eduardo Costa, “V.T.” na comarca de Esgueira. Capitão, governador e Mestre-de-Campo”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXXIII, 1967, pp. 27-38.

considerações, o General escolheu o seu amigo Brás Garcia para esta missão árdua e difícil, utilizando-se assim mais uma vez o zelo e admiráveis qualidades que nele reconhecia, e de que largas provas havia dado anteriormente, sempre que fora incumbido do serviço de levantamentos”¹⁶².

A sua sabedoria relativa ao recrutamento de soldados verteu-a nas estrofes seguintes:

*“Se hum potro se examina meudamente,
Antes de se comprar caro, ou barato,
De hum soldado, primeyro que se assente,
Porque se não fará exame exato?
O quererem fazer muyta, & má gente,
Foy causa de Pompeo romper Viriato
Que chegando a fazer resanha della,
Do pouco em que a reputa se acautella”¹⁶³.*

*“Manda que seja a destra separada
Da bisonha, pessoa por pessoa;
Porque tal vez em Guerra bem regrada
Faz a Gente ruim perder a boa:
E porque já a marcha acclerada
Do Pretor novo em toda a parte soa,
Com toda a Gente, sem que mais espere,
Aos campos Eborenses se transfere”¹⁶⁴.*

A comarca de Esgueira tinha sido até aí poupada no fornecimento de contingentes para a defesa da fronteira. As circunstâncias da guerra tornavam imperioso o recrutamento de soldados nesta região. Inicialmente fixou-se em 800 o número de soldados a recrutar.

Brás Garcia “sem contemplações, chama e concita os varões capazes ao cumprimento do dever, seleciona-os apenas em função da sua validez e em estrita observância das normas de recrutamento, indiferente a compadrios e influencias, o que lhe acarretou grande animosidade da parte dos homens da governança e caciques locais aveirenses do tempo”¹⁶⁵.

¹⁶² António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 321.

¹⁶³ V.T., 17, 33.

¹⁶⁴ V.T., 17, 34.

¹⁶⁵ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, p. 321.

Com efeito, a vereação de Aveiro argumentava a urgência da reparação da barra que estava muito exposta à entrada de uma invasão inimiga.

Com objectivo de minorar o descontentamento, D. João IV comunica, em Agosto de 1648, em carta dirigida à gente da governança de Aveiro a redução de 800 para 500 do número de homens a recrutar¹⁶⁶.

Este protesto foi fortemente apoiado pelo fidalgo Tomás da Costa Corte Real que se queixava dos abusos praticados por Brás Garcia tanto no recrutamento como na repressão dos desertores.

As queixas chegaram ao Rei que ordenou ao Conde de Ericeira que fizesse averiguações secretas. Destas concluiu-se que “...que o procedimento de Brás Garcia em nada fora censurável, pois só revela espírito de justiça e muito zelo pela causa da pátria”.

Brás Garcia terá acompanhado as tropas recrutadas na comarca de Esgueira ao Alentejo, como se pode inferir de uma estrofe do seu poema atrás citado¹⁶⁷. Depois de cumprida esta missão regressa de vez a Avô. Tem 53 anos de idade, uma vida intensa, desgastante física e psicologicamente, um envelhecimento precoce a acelerado.

¹⁶⁶ António de Vasconcelos, *ob. cit.*, Doc. LXXVII, p. 51-52.

¹⁶⁷ V.T., 17, 34.

Capítulo VI – Finalmente só em Avô. O Viriato Trágico.

O período de oito anos finais da vida de Brás Garcia passou-os em Avô.

Neste período desempenhou dois cargos que lhe foram atribuídos em reconhecimento dos generosos serviços prestados à Pátria.

Exerceu a função de “*superintendente, da criação dos cavalos na comarca de Esgueira*”, uma espécie de intendente de pecuária da época, restrito à espécie cavalar, para uma região abundante em padreadores.

Foi-lhe ainda atribuído, por morte de seu pai, o cargo de “Escrivão das Sizas Gerais e dos Panos da Vila”; essas funções passaram para Brás Garcia, o qual, por sua vez, as passou, como dote, ao marido de uma das suas filhas¹⁶⁸.

¹⁶⁸ Tendo em conta a importância deste documento, apresentamo-lo neste trabalho, respeitando a transcrição feita pelo Doutor António de Vasconcelos:

Dom João etc. faço saber aos quantos minha carta virem que tendo resp^{to} a Marcos gracia ia falecido que foi proprietario de officio de escriuão das sisas geraes e dos panos da villa davoo e seu ramo e seruiu sesenta annos com m^{ta} satisfação sen nunca cometer ero e bras gracia mãs seu filho ter as p^{tes} nesarias pera o servir como se uiio por informação do prouedor da com^{ca} da cidade da guarda; hei por bem fazerlhe m.^{ce} da propriedade do dito ofiçio de escriuão das sisas geraes e dos panos da dita villa davoo e seu ramo asi e da man.^{ra} que o seruia o dito seu pai e mais pessoas q delle forã prouidas o qual ofiçio tera e seruira enq.^{to} eu ouuer por bem e não mandar o cont^{ro} con declaração que tirando lho en algu tempo minha faz.^{da} lhe não ficara abrigada a satisfação algua com o qual hauera de mantim^{to} a saber con as sisas geraes e rezão de sesenta rs por milheiro te chegar a quantia de mil rs cada anno e mais não e com panos dusentos rs por Anno que lhe serão pagos a custa de Rendeiros quando as ditas sisas forem arrendadas e quando não a custa de minha faz.^a q he outro tanto como tinha e hauia o dito seu pai pello que mando ao prouedor da Com^{ca} da guarda lhe de a posse do dito ofiçio e lhe deixe hauer o mantim^{to} asima declarado e juram^{to} dos santos euangelhos q bem e uerdadr^m^{te} o sirua guardando en tudo meu seruiso e as p^{tes} seu dir^{to} de q se fara asento nas costas desta q por firmeza de tudo lhe mandei dar sellada do meu selo pendente e pagara os direitos q deuer e o nouo conforme o Regim.^{to} el rei nosso sñor o mandou por ruj de Moura telles de seu conselho de estado e do de guerra e ueedor da sua faz.^a João silua a fez en lx^a a dous de nou.^{ro} de seis centos cincoenta e quatro. Eu fran.^{co} guedes pereira a fis escrever”, ob. cit. Doc. LXXXVII, p. 62.

Os anos finais da sua vida passou-os em companhia da sua família, nomeadamente do seu pai que faleceu dois anos antes de Brás Garcia, situação que lhe permitiu vivenciar os momentos difíceis da velhice e da morte:

*“He a velhice hum mal, que debilita
A toda a coufa, que animada crece;
Ao rico enoja, ao pobre necefsita,
Gasta a belleza, as forças infraquece:
As arvores robustas decrépita,
As feras vigorosas intorpece,
Erva lhe não escapa, ou flor suave,
Nadante peyxe, ou volátil ave”¹⁶⁹.*

Brás Garcia, já no fim da sua vida, escreveu:

*“Desdita humana é, que perto estejam
Da morte os homens, e não a vejam”¹⁷⁰.*

Usufruiu ainda do convívio com os amigos, esquecendo, por vezes, agravos antigos:

*“Perdoar as injurias, que nos tocão
Muyto na honra, obra hê meritória;
Opiniões a vingalas nos provocaõ,
Porque hé toda opiniaõ comum vangloria.
Quantos descanços por trabalhos trocaõ
Notoriamente, os que fem notória
Afronta, vingam os feus pontinhos de honra!
Que há hum género de honra, que deshonra”.*

Para além dos amigos, o aventureiro incansável teve oportunidade de usufruir das belezas naturais de Avô, assim como do belo jardim que ornamentava a casa paterna.

*“Repara mais, & ve, que anda cantando
Em numerosos versos seus louvores
Entre jardim que fez, de quando a quando
Tosando as murtas, e compondo as flores,
Cuyda, que esta com elle conversando,
E que a seus rogos conta os disfavores,
Que a fortuna lhe faz, entremetendo
Os successos do Reyno; assim disendo”¹⁷¹.*

¹⁶⁹ V.T., III, 3.

¹⁷⁰ V.T., VII; 97.

A caça e a pesca eram os seus prazeres favoritos:

*“Retiro-me a estes valles, a estas fontes,
A estes frescos jardins, & pátrios Rios,
Quando vaõ cheios caço pellos montes,
E nelles pesco quando vaõ vasios
Contente destes ares, & horizontes,
Sem a corte invejar, passo os Estios,
Pellos Invernos canto teus louvores,
De outra musa melhor merecedores”*¹⁷².

Numa ambiência propício à criação literária verte os seus amores e desamores, as suas aventuras e infortúnios, as suas reflexões sobre a condição humana na poesia. Celebrando o herói Viriato, regista episódios marcantes da sua a sua vida bem como da História do seu país.

O poeta morre em 8 de Agosto de 1656.

“Na terça-feira (dia aziago) ”...”quarto minguante (péssima fase) ” com 60 anos, 6 meses e 5 dias:

*“Saudoso accento, grave retumbando
Console com piedade artificiosa
A viúva Pátria, que tal filho perde,
Convertendo em cypreste o louro verde”*¹⁷³.

Foi sepultado na Igreja Paroquial de Avô, em campa rasa, mas o Vigário da Vila esquece-se de lavar o respectivo assento de óbito. A data do seu falecimento, dada a ausência de registo, só mais tarde, por acção de Frei Bento Madeira da Costa, foi registada e divulgada. O assento de óbito foi feito em 4 de Janeiro de 1660.

Três anos depois, no final de 1659, faleceu sua mulher, D. Maria da Costa. Todos os seus filhos com excepção de D. Quitéria tinham falecido entretanto. A casa familiar passou a ficar habitada apenas pelas duas irmãs do poeta, D. Isabel e D. Antónia, e pela filha acima referida.

A viúva de Brás Garcia, D. Maria da Costa Fonseca, teve um fim de vida muito difícil, quer porque não houvera oportuna partilha dos bens deixados por

¹⁷¹ V. T., XV, 26

¹⁷² V. T., XV, 104

¹⁷³ V.T., XX, 2.

Marcos Garcia, quer porque as dívidas noutros tempos contraídas por este, Marcos Garcia, também se não tinham solvido.

Por sua vez, as relações familiares com os seus pais, ainda vivos eram más; sua mãe, D. Maria Madeira da Costa, hostilizava a família do seu genro, quando para isso se oferecia ocasião.

Tudo isto estava a causar dificuldades várias e a prever complicações desastrosas na liquidação da herança desta numerosa família, que daria lugar a demandas longas, devoradoras de parte dos bens do casal.

Por outro lado, outros acontecimentos se passaram na família protagonizados por membros seus que se esqueceram do que deviam à sua honra e ao bom nome da família. “É uma página bem triste da família dos Garcia Mascarenhas de Avô” escreve António de Vasconcelos.

Apenas ficaram a residir na casa de família as duas irmãs de Brás Garcia, D. Isabel, de 71 anos e D. Antónia, de 69 e a sua única filha, D. Quitéria, de 24 anos. Porém, havia um quarto morador, “o primo Manuel”, de cerca de 28 anos, os quais “viviam juntos e na maior intimidade”; assim, como se disse “esqueceram-se do que deviam á sua honra e ao bom nome da família”, e assim “o enorme desgosto que este desastre causou às duas pobres velhinhas e à parentela mais chegada”.

Como eram primos, foi pedida a Roma a dispensa do impedimento, e o casamento foi realizado em 11 de Fevereiro de 1677, “em Galizes, recatadamente, longe da família e dos vizinhos, para se evitarem novos ditos, comentários e vexames”.

Por outro lado, o irmão de Brás Garcia, Matias Garcia, “seduziu uma rapariga do lugar [Travanca], Ana Duarte, bem reputada, filha de lavradores abastados, muito bem vistos e queridos na terra”. Ana Duarte “foi recatadamente recolhida em casa de família discreta, onde deu à luz uma criança do sexo masculino, baptizada em 18 de Fevereiro de 1647, com o nome de Manuel”.

Entretanto, Matias Garcia, filho de Brás Garcia, recebeu ordens sacras e foi paroquiar Anseriz.

Estas situações são agravadas com o testamento de D. Maria Madeira da Costa, avó de D. Quitéria, que “deserda a sua neta, contando ao vivo, em termos despejados e repelentes, a desgraçada falta em que ela caíra, embora o casamento houvesse legalmente apagado essa nódoa”.

Estas ocorrências, deram, na época, segundo o testamento de D. Maria Madeira lugar a outras questões, tais como considerar o Manuel “filho espúrio do padre Matias”, e a sua mãe Ana Duarte, considerada “além de ser gente vil e baixa também mulher de ruim fama”¹⁷⁴.

Porém, os filhos e seus descendentes de D. Maria Madeira da Costa e de seu marido D. João Manuel da Fonseca não herdaram os ódios daquela ao poeta e à sua família, antes pelo contrário, iam reparando quanto podiam os males antes causados.

Segundo o Dr. António de Vasconcelos, os últimos descendentes directos de Brás Garcia conhecidos no fim do séc. XIX e começo do séc. XX são duas irmãs, as senhoras: - D. Júlia Xavier de Carvalho Mascarenhas, viúva do Juiz D. Francisco Soares de Albergaria e D. Leonor Xavier Garcia Mascarenhas, casada com António Cardoso de Meneses, que teve três filhos. Estas senhoras eram filhas de D. Constança Garcia de Mesquita Mascarenhas, casada com o Dr. Luís Xavier do Amaral Carvalho.

Porém, desta descendência, e por investigação feita junto do actual proprietário da casa de Avô, Francisco Tomás Garcia de Mascarenhas Pereira Lima, o ramo genealógico que liga Tomás Brás Garcia Mascarenhas, nascido em 1896, em Avô, e falecido em 1962 (casado em 1922 com D. Maria Isabel Godinho Sampaio e Melo de Mascarenhas, nascida em 1885 e falecida em 1969) teve uma descendente, D. Natalina Godinho Garcia de Mascarenhas, nascida em 1922 e falecida em 1994, casada com Alfredo Rosendo de Vale Azevedo Lima, em 1944.

Por sua vez D. Natalina teve quatro filhos – dois homens e duas mulheres – o primeiro dos quais é Francisco Tomás Garcia de Mascarenhas Pereira Lima, actual dono da casa de família de Avô, neto materno de Tomás Brás Garcia de Mascarenhas, ambos acima referidos.

¹⁷⁴ Sobre estes episódios ocorridos após o falecimento de Brás Garcia, cf. António de Vasconcelos, *ob. cit.*, pp. 348-376.

Cap. VII – Autógrafos de Brás Garcia

De Brás Garcia, escritos pelo seu punho, apenas são conhecidos dois autógrafos.

O primeiro, foi encontrado pelo Professor António Vasconcelos. Este professor refere que “gastei mais de dez anos em buscas pacientes, laboriosas e sempre infrutíferas a ver se colhia algum autógrafo do nosso poetas....nem uma única assinatura sua pude encontrar...rebusquei com diligencia o pouco que resta dos arquivos particulares da região, e nada, absolutamente nada.

Já tinha perdido todas as esperanças, quando um dia um feliz acaso descobre na quinta da Coitena, freguesia da Bobadela e propriedade do [...] José Madeira Teles, em meio de vários papéis velhos, abandonados nos forros da casa [...], tendo três papéis [...] escrita do próprio punho de Brás Garcia [...] com a sua assinatura solene¹⁷⁵”. Estes três papéis encontrados constam das três páginas seguintes.

Eu próprio procurei fazer a mesma pesquisa, no mesmo local, actualmente na posse da herdeira do “*Sr. Teles da Coitena*”, o que resultou infrutífero, pois a grande casa senhorial foi totalmente restaurada e tudo o que havia de “*papéis antigos e lixo foi destruido e queimado*”.

O documento encontrado pelo Dr. António de Vasconcelos é o registo escrito da venda de um prédio rústico, sendo o vendedor Bartolomeu Madeira e os compradores João Gomes Botelho e sua esposa Maria de Mesquita. Este acto ocorreu em 16 de Março de 1640, tendo Brás Garcia desempenhado a função de “testemunha”.

¹⁷⁵ António de Vasconcelos, *ob.cit.*, p. 267.

4
ohnar e fo ora dr.º mo,º fol.º.º em 1783 foy ca der
don.º Jorge ambos cotados emora doris desta Villa
e todos asenarã co o dito Bertelameu madr.º

Ass amu 1783
m.º 17 J.º P.º Madr.º

Brás Garcia Mascarenhas

UNICO AUTÓGRAFO CONHECIDO
DO POETA BRÁS GARCIA MASCARENHAS

Outros historiadores continuaram a pesquisar e a melhorar o estudo da figura de Brás Garcia. Assim, em 23 de Fevereiro de 1929, foi comunicado à Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o aparecimento de outro autógrafo de Brás Garcia. Trata-se de uma carta dirigida ao cronista Frei Francisco Brandão, descrevendo a região de Ribacôa e os castelos portugueses do Sabugal, Alfaiates – este em pormenores por o ter reconstruído em três meses – e ainda Vilar Maior, Castelo Bom, Almeida, Castelo Rodrigo e Castelo Melhor.

Deste autógrafo de Brás Garcia acima referido transcrito apenas se incluem os Castelos de Sabugal e de Alfaiates.

Brás Garcia, a par da sua acção já referida a quando do governo de Alfaiates, fez o levantamento de grande número de fortalezas de Ribacôa e de algumas da área de Castela, “praças e castelos da Beira” descritos “numa longa carta de oito folhas de papel almaço com as dimensões de 0.30x0.21, encimadas pela característica cruz...com um precioso autografo de Brás Garcia, dirigido ao cronista Frei Francisco Brandão, em 24 de Dezembro de 1643...¹⁷⁶.”.

Esta carta – relatório – encontra-se na BNL – Fundo Geral, caixa 80, Documento nº 3. Nela se descrevem aquelas fortalezas, demorando-se em especial na de Alfaiates, onde constam, com minúcia, todos os trabalhos que mandou executar para reparação e acrescentamento dos seus muros. Descreve os castelos de: Sabugal, Alfaiates, Vilar Maior, Castelo Bom, Almeida, Castelo Rodrigo e Castelo Melhor, como se disse.

Este documento termina, na sua última página, com o referido autógrafo de Brás Garcia e algumas notas de Frei Francisco Brandão, reproduzido na página 96, e constitui um precioso contributo – encontrado, como dito, em 1928 – melhorando assim o conhecimento sobre o poeta, pois o Professor António Vasconcelos apenas tinha conhecimento do autógrafo contido no documento reproduzido nas páginas 87, 88 e 89, que o considerou como “*único autografo conhecido*”, como, de facto era, para ele, na altura.

¹⁷⁶ G. Mendes da Cunha Saraiva, *A Região de Ribacôa e um Autógrafo de Brás Garcia*, Coimbra Editora. 1930, pp. 4-12.

O documento de Brás Garcia para Frei Francisco Brandão pelos pormenores e precisão geográfica notável para a época, nomeadamente pelo conhecimento arqueológico demonstrado, merece especial referência¹⁷⁷:

“Sõr. Frei fr^{co} Brandaõ

“Os rios Coa e Elja q antigam.^{te} diudiaõ a Portugal de Castella nagem na serra de Xalma q he huã parte da de Gata que se leuanta entre Alfaiates e Saõ Martinho detre tejo de Norte a sul e entre Paio e Sabugal de Leste a Oeste. Esta sobre elle hu padraõ cõ as armas de Portugal de huã parte e as de Castella da outra adonde nã somente se diuide os dous reinos mas tãobe 4 bispados Lamego e Guarda Cidade R.^o e Coria e os dous Condados de Sortelha e Sabugal e o marquesado de Naues frias e Comenda de Silheiros no q naõ ha duuida por q indo eu por m.^{do} de sua Mg.^{de} e cõ orde do G. Dõ Aluaro de Abranches de Camara a reconhecer e tirar as plantas dos Castellos de Elje e Paio andei disfarçado sobre aquella serra cõ homes praticos nella q me disseraõ.

Esta he a serra a q o D.^{tor} frei Bernardo de Brito na pr.^a parte da monarchia Lusitana chama de Alfaiates q.^{do} refuta a opinião q se tinha de ella ser o mõte de Venus Rematasse sua maior altura em hus escabrosos penhascos sopedos quois m.^{to} nos hõbros da serra se estende huã planice q tera mea legoa de cõprido e pouco menos de largo a q chamaõ Naue molhada porq perpetuamen.^{te} esta brotando en toda a parte eruas e agoas q uaõ retalhando a uerdura cõ os pequenos ribr^{os} q dellas nacê de q te principio os dous rios Coa e Elja este corre dereito ao Sul aquelle ao Norte.

O Elja se despenha en deixando a planice pelo mais fragoso da serra ate chegar entre o Castelo de Elje e valuerde V.^a q antigam.^{te} foi nossa segundo afirmaõ seus moradores cuja lingoa e Camara retem inda m.^{to} de Portugues tornou a ser nossa na era de 42 en q o G. Fernão Telles e ao Castello de Elje em 4^a feira de Treuas

¹⁷⁷ Reproduzimos extractos retirados do artigo de Mendes da Cunha, *A Região de Ribacoa e um Autógrafo de Brás Garcia*, pp. 10-12.

e as tornou a largar dentro de dez dias por mao c.º e pouca preuenção e pasado o distrito de Valuerde uai o Elja diuidindo os dous reinos recebendo ensi o Besadega q corre da parte de Penamacor e a V.^{ta} della, de Mõsanto, de Pena Garcia, de Saluaterra, de Segura (praças todas nossas sitas pela orde que uaõ nomeadas) se uai meter no Tejo entre Alcantara e Rosmaninhal uilla taõbe nossa perto do quoad adonde chamaõ os Teuloes se ue claram.^{te} as grandes ruinas de Norba Cezaria.

O Coa dece pelos lugares de foginhos, Val de espinho quadrazais ao sabugal q lhe fica de Leste e era oposto a sortelha q dista dali legoa e mea a duas legoas dele p.^a o Norte da mesma parte Leste estaõ as ruinas de Cari Atalaia cõseruando o nome e parte dos muros sobre hu mõte aque se encosta o rio de fronte do lugar da rapoula os do sabugal afirmaõ ser Cari Atalaia hu dos sete Castellos de Riba Coa en q oje naõ ha mais de seis e que por demandas en q a V.^a do Sabugal uenceo esta m.^{tas} custas naõ as podendo pagar se passaraõ os moradores a Aletejo e fundaraõ a V.^a de Estremos adonde inda ha huã cõ o nome de Cari Atalaia cujo distrito he oje termo do sabugal e me parece q me disseraõ auia ainda papeis destas demandas e mudanças mais abaixo ficaua Castello mêdo oposto a Vilar maior e Castellolobõ, pinhel, a Alm.^{da} e Castello R.º Marialua, a Castello melhor correndo o Coa por entre hus e outros ate hir desagoar no Douro em V.^a Noua de foz Coa esta era Arraia do Reino q oje corre mui diferente como logo irei mostrando.

Do tejo ue corredo a raia quasi derecha ao Norte ate ao lugar de malcãta duas leguas do sabugal donde uira a leste 4 legoas derecho a serra de Xalma e decendo dela por huã ribr.^a q corre junto de Aldea do bispo e lagiosa lugares nossos dali uira a nordeste pellos lugares de forcalhos, Aldea da ponte, batoquinhas, Naue de Auer, Vilar feroso, Saõ p.º de rio seco, Val de la mulla, Val de Coelha, Vermeosa, Vilartorpi, Escarigo Escalhaõ, Almendra e Castello melhor q dista huã legoa do Douro, a pouca distância de todos estes lugares corre a raia balisada cõ merouços de pedras por montes uales e campinas e chegando a Saõ p.º de rio seco perto do quoad nace a Ribr.^a de Touroes uai ella diuidindo os reinos ate perto do Douro donde se mete no Agueda que acaba de diuidir a portugal de castella.

Tem toda esta terra de ribacoa de largo donde mais quatro legoas, donde menos duas tem de cõprido quinze a saber de Naue molhada a Alfaiates tres de Alfaiates a Vilar mais duas, dali a castello bõ duas de Castello bõ a Alm.^{da} duas dali a Castello R.^a duas de Castello R.^o a castello Melhor tres dali ao Douro huã q faze o numero das quinze e entre os lugares q nomeei pello extremo e os castellos q ficaõ sobre o coa a outros m.^{tos} lugares todos abertos como os mais nomeados q este defeito te riba coa q se pode mal defender por lhe ficare detras os castellos q auiaõ de estar diante de cada hum delles em particular irei apontando o q puder alcançar.”

Alfaiates

Tera duzentos uezinhos fica tres legoas a Leste do Sabugal huã do Castello de Aluergr.^a 3. do de paio este lhe fica ao sul aquelle ao Norte e cõ ambos guerrea e taõbe cõ o de Elge por q fica esta v.^a naquelle canto que faz araiã q.^{do} uira a leste e torna a uirar anor nordeste foi chamado el Castilho de Luna e por huãs brigas de huns alfaiates q se ebebedaraõ se lhe deu o nome q oje tem foi matris desta V.^a a igr.^a q agora lhe serue de Miã q he antiquissima te hu algerós de pedra de cantaria cõ huãs torgetas de m.^{tas} inuencoes e nellas e sobre a porta principal as partes ocnas de Venus e priapo no q mostra ser mesquita de mouros dentro de hus sepulchros metidos nas paredes cõ hus letreiros q parece arabigos cõ huas meas por brazões.

Adonde agora está a jgr.^a matris que parece moderna esteue o Castello el Rei Dõ m. O modou p.^a donde agora esta 300 passos adiante en sitio baixo e m.^{to} peor do q teue delle sahiaõ os licerces de huas muralhas de cantaria q já tinhaõ fora da terra e partes 15 palmos e partes menos q hiaõ já e meio da V.^a e atirauaõ a cingir todo o mõte da parte do Norte e mandando me sua mg.^{de} a Governar e fortificar esta praça q.^{do} fui cõ a fortificação abraçando este monte en q se laurauaõ mais de ce fanegas de trigo ao abrir das cauas e escarpar das trincheiras achei debaixo de mais de 15 palmos de terra duas ordes de muros hua de cantaria cõ cal q eraõ os licerces del Rei Dõ m. Outra mais adentro de cantaria cõ barro cousa mais antiga de q inda ficou hu pedaço debaixo de hua cortina q se foi leuantando sobres este muro acharaõ se nestas cauas e escarpas

m.^{tas} moedas de cobre 4 ou cinco de prata duas dellas de Sertorio acharaõ se estribos cõ cadeas per loros mós de moinhos de maõ caruoos de outros indicios de q se gira cõ a villa de fortificação q fiz nella en 3. meses 4680 pes geometricos ate o Castello e por fora delle para a parte sul adonde chamaõ as eiras mandei desfazer huas cauas antigas q girauaõ pouco menos e mostrauaõ serem de Romanos e serem redondas e se descortino como a caua de Viseo e q isto fosse grãde presidio de Romanos e testifica hu padraõ q esta na praça junta as casas do sargento mor Luis de Sola do mercado cõ hu letreiro ja gastado de q inda cõsta ser de Augusto César.

Pouco mais de hu 4.º de legoa de V.^a p.^a Nascente esta a jgr.^a de Nossa Srã de sacaparte q resplandesce ali cõ m.^{tos} milagres a que uaõ m.^{tas} procições de todas as parrochias circunuezinhas pella coaresma, Páscoa, sperito S.^{to} E a 8 de 7.^{bro} a tradição he q ouue ali hua grande Batalha e q hu Rei gritou no meo cõflito dela: Virge sacaime a parte e q a srã lhe aparecera e o liurara de perigo dandolhe grande uitoria mas não sabe dizer q Rei foi ne se foi a batalha cõ mouros se christaõs cõ christaõs o sitio en q esta Senhora capaz he de nelle se afrontare dous grandes exercitos o q faz dar credito a tradicaõ.

Hua legoa adiante desta senhora tãbe p.^a o nascente esta a de cõsolação cousa certa he q se fundou em tempo de El rei Dõ Dinis e q leuando lhe o modelo de hobra q se queria fazer em o mandou elle por sua maõ dizendo q a Capella não estaua en proporção e q daquelle modo ficaua melhor se chagar a rais (tanto esta no extremo della) resplandece esta senhora ali cõ m.^{tos} milagres anda autentico hu manuscrito q eu ui de q apareceo a hua molher de Aldea da ponte resucitandolhe hu f.º ahi se declara o nome della e do marido q foraõ os fundadores da casa q taõbe era mui frequentada dos Castelhanos q por reuerencia della pesaraõ a raia hu tiro de carcabuz mais apertada da casa donde cõ hu mosqte se chega ao Castello de Aluerg.^{re} q lhe fica ao Norte jsto he o q pude alcançar de Alfaiates cõsta taõbe de seu foral q foi queimado de Castelhanos parece me q en tempo de El Rej Dõ A.^a o 5º ou D. J.º 2º e pera setornar a pouoar lhe concedeu priuilegio de Couto este esta na torre do tombo q no tepo de meu Governo vieraõ buscar o treslado delle.

Sabugal

“He uilla de 300 uezinhos te por oposto o castello de Elge q dista della 3. Grandes legoas atrauessando o Caminho auolta q a raia faz de leste a Oeste he o Castello do Sabugal de figura quadrada ea cerca da uilla redonda se nenhu descortino esta parece moderna aquelle antiguo e do tepo de mouros te hua torre de cinco quinas altissima e no fecho da mais alta abobeda pela parte de dentro as quinas de Portugal do q se infere que esta torre e os baluartes q descortinaõ o castello saõ hobras de Rei portugues acrescentadas á cerca antiga como ellas mostraõ claram.^{te} te este Castello sua barbacã e caua e he forte mas sogeito a m.^{tos} padraos em Cida R.º ha ida na sé hu Arcediago q se intitula de sabugal q he oje Bispado de lamego e todos os mais Castellos paga inda pera as fabricas de hu terço dos dizimos q elles conegos arrecadaõ m.^{to} be e fabricaõ tão mal q se intentou tomarselhe pera as fortificações.”

Capítulo VIII – A Memória de Brás Garcia em Avô

A memória mais visível do valoroso poeta e homem de Avô Brás Garcia Mascarenhas perdura, actualmente, no nome de um Escola e num Busto.

No jardim em frente à casa de Brás Garcia foi colocada, transferido já do Largo da Igreja, um monumento com o busto do poeta. No seu pedestal, na sua frente ao alto, tem a seguinte legenda:

**A Brás Garcia Mascarenhas
Grande Patriota
Grande Soldado
Grande Poeta
No III Centenário da sua Morte
1956**

Nas costas desse pedestal figuram os seguintes versos:

**...Assim como agulha busca o norte
Busca a Pátria o que dela vive ausente
Quem a troco de vê-la restaurada
Por ela morre, vive eternamente**

Este monumento, a seguir reproduzido, foi da iniciativa da Sociedade de Defesa e Propaganda de Avô.



Busto de Brás Garcia

Do castelo de Avô pouco resta, conforme se pode ver na fotografia seguinte.



Conclusão

Brás Garcia foi o poeta da Restauração; o seu Viriato Trágico encarnou, acima de tudo, o aspecto prático da defesa do território contra Castela, à semelhança da luta do guerreiro pastor – Viriato – na oposição à conquista Romana, estratégia de guerrilha que, aliás, o Poeta preconizava:

*“A princesa das aves nos ensina,
Como há-de ser a guerra executada:
Não vedes como desce repentina
Sobre a caça, que passa descuidada?
E que não para nunca em tal rapina,
Senão que pelo ar arrebatada
A vem comer sobre um penhasco duro,
Que ainda que bruto, julga-o por seguro”¹⁷⁸.*

Na obra de Brás Garcia, prenhe de actos de cavalaria, cavalheirismo e aventuras, é evidente o génio do seu autor, o seu conhecimento dos homens e da sociedade, encarnando os lendários guerreiros e heróis antigos, as cruzadas, a reconquista, das quais sobressai, como se disse, o guerreiro pastor da Serra da Estrela.

Essa vivência teve-a longe da corte, longe do seu servilismo, assumindo a postura de um beirão:

*“Hé mar a Corte, & Rios os fenhores,
Que entrando nella, como nelle os Rios
Os que fe tem cá fora por mayores,
Perdem là dentro a fúria, nome, & brios:
Sem lhe os pulfos tomar, julquey das cores,
Que huns padecião febes, & outros frios,
Que esta ancia de privar hé divulgada
Maleyta, bem previſta, & mal curada”¹⁷⁹.*

A sua vida foi composta de enganos e desenganos, de amizades, glórias e traições, motivo de reflexão do poeta filósofo:

¹⁷⁸ V.T., II, 51.

¹⁷⁹ V.T., XV, 47.

*“Cuydava hum tempo, que nas mãos estava
Dos homens evitarem seus perigos,
Mas vim a conhecer que me enganava,
E que quem tem mais luz, mais inimigos,
Alguns Amigos, que eu por tais julgava,
Que poucos são já hoje os bons Amigos,
Mal invejando possessão rendosa,
De pacífica a fasem litigiosa”¹⁸⁰.*

Depois de muitas aventuras e desventuras, o poeta encontrou a paz nas margens do Alva, passando ali os seus últimos anos. Avô foi a terra de inspiração da sua poesia. De tudo que escreveu neste campo sobreviveu apenas o *Viriato Trágico*, uma obra que pode ser lida como uma autobiografia e um testamento do poeta.

*“Refiro-me a estes valles e estas fontes
A estes frescos jardins e patrios rios
Quando vão cheios caço pelos montes
E nelles pesco quando vão vazios
Contente destes ares e horizontes
Sem a corte invejar passo os estios...”¹⁸¹.*

Aqui deixamos o nosso tributo de homenagem a Brás Garcia Mascarenhas, um autor cuja obra, o *Viriato Trágico*, aguarda um estudo de maior fôlego, como já afirmou Pina Martins.

¹⁸⁰ V.T., XVI, 67.

¹⁸¹ V. T., XV, 104.

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Chancelaria de D. João IV, Liv. 12.

Chancelaria da ordem de Avis, liv. 14.

FONTES IMPRESSAS

ANTONIL, André João, *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, Introdução e comentário crítico de André Mansuy Diniz Silva, Lisboa, CNCDP, 2001.

ARAÚJO, Dr. João Salgado de, *Sucessos Militares das Armas Portuguesas*, Lisboa, Oficina de Paulo Craesbeek, 1644.

BRANCO, Camilo Castelo, *Luta de Gigantes*, 3ª edição, 1865.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, tomo I, Coimbra, Atlântida Editora, 1966, p. 115.

ERICEIRA, Conde da, *História de Portugal Restaurado*, 4 vols, Porto, Livraria Civilização, 1945-1946.

LOBO, Francisco Rodrigues, *Corte na Aldeia*, Introdução de Maria Ema Tarracha Ferreira, Lisboa, Editora Ulisseia e Editorial Verbo, 2005.

LOUREIRO, José Pinto, org., *Anais do Município de Coimbra 1640-1668*. Volume comemorativo da Restauração, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal de Coimbra, 1940.

MASCARENHAS, Bras Garcia Mascarenhas, *Viriato Trágico* em poema heroico escrito por [...]. Reedição fac-similada com apresentação de MARTINS, José V. de Pina, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

VASCONCELOS, António de, *Bras Garcia Mascarenhas. Estudo de investigação histórica*. Reedição fac-similada com apresentação de MARTINS, José V. de Pina, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, documentos e genealogias, pp. 1-214.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Luís Ferrand de, *A colónia do Sacramento na época da sucessão de Espanha*, Coimbra, 1973.
- AROUCA, João Frederico de Gusmão C., *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVII, A-C*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001.
- AZEVEDO, João Lúcio de, *Épocas de Portugal Económico. Esboços de História*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1947.
- BEBIANO, Rui, “A arte da guerra” in Nuno Severiano TEIXEIRA E Manuel Themudo Barata (dir), *Nova História Militar de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, vol. II, pp. 112-151.
- BOTELHO, Manuel Lopes e DIAS, Mário Simões Dias. *Sonho Profético*, 1999.
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando Jesús, *Portugal no Tempo dos Filipes. Política, Cultura, Representações (1580-1668)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000.
- BOXER, Charles R., *O Império Colonial Português, 1415-1825*, 6ª ed. revista, Lisboa, Edições 70, 2001.
- BRASÃO, Eduardo, *A Diplomacia Portuguesa nos Séculos XVII e XVIII*. Vol. I (1640-1700), Lisboa, Editorial Resistência, 1979
- CARVALHO, A. Martins de Santana Dionísio, *Guia de Portugal*. Vol. III T. I e II, Beira Litoral, Beira Baixa, e Beira Alta. Reedição da Fundação Calouste Gulbenkian. 1984.
- COELHO, Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, Vol.II, Porto, Figueirinhas, 1984.
- COSTA, Eduardo, “V.T.” na comarca de Esgueira. Capitão, governador e Mestre-de-Campo”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXXIII, 1967.
- CRUZ, António, *Papéis da Restauração*. Selecção e estudo prévio de [...], I vol., Porto, Faculdade de Letras, 1967; II vol., Porto, Maranus, 1969.
- DICIONÁRIO de História de Portugal*, dir. de Joel Serrão, 4 vols., Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1963-1971.
- FRIAS, Sanches de, *O poeta Garcia*, Lisboa, 1901.

- FREITAS, Jorge Penim de, *O combatente durante a guerra da Restauração. Vivência e comportamentos dos militares ao serviço da coroa portuguesa, 1640-1668*, Lisboa, 2007.
- JOHNSON, Harold e SILVA, Maria Beatriz Nizza da Silva, “O Império Luso-Brasileiro” in Joel Serrão e Oliveira Marques, dir. *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa: editorial Estampa, 1992, pp. 240-288.
- LOPES, Óscar, Saraiva, António, *História da Literatura Portuguesa*, 5ªed., [s.a.].
- MACHADO, António Lopes. Brás Garcia Mascarenhas. Separata de “Portugal d’aquém e d’além mar”.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. III, 1993.
- MARTINS, José Vitorino de Pina Martins, “Estudo sobre o valor Literário do Viriato Trágico de Brás Garcia de Mascarenhas”, in MASCARENHAS, Bras Garcia Mascarenhas, *Viriato Trágico* em poema heroico escrito por [...]. Reedição fac-similada com apresentação de MARTINS, José V. de Pina, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, pp. IX-XLVIII.
- MARTINS, Rocha. *Os Grandes Vultos da Restauração de Portugal*. Empresa nacional de Publicidade. 1940.
- MELO, D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto: Campo das Letras, 2003.
- MESQUITA, Carlos, “Viriato Trágico”, in VASCONCELOS, António de Bras Garcia Mascarenhas. *Estudo de investigação histórica*, Reedição fac-similada com apresentação de MARTINS, José V. de Pina, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, pp. 377-399.
- NEVES, João Alves das, *O Brasil do século XVII no poema "Viriato Trágico" de Brás Garcia Mascarenhas*, São Paulo: Centro de Estudos Fernando Pessoa, 1997.
- OLIVAL, Fernanda Olival, *As ordens militares e o estado moderno: honra, mercê e venalidade em Portugal (1641-1789)*, Lisboa, Estar Editora, 2001.
- OLIVEIRA, António de, “A Restauração”, in *História de Portugal*, dir. de João Medina, vol. VII, Amadora, Ediclub, 1995, pp. 87-106.
- OLIVEIRA, António de, *A Vida Económica e Social de Coimbra de 1537 a 1640*, 2 vols., Coimbra, Instituto de Estudos Históricos, Coimbra, 1971-1972.

- OLIVEIRA, António de, *Poder e Oposição Política em Portugal*, Lisboa, Difel, 1991.
- PERISTIANY, J. G., org., *Honra e vergonha. Valores das sociedades mediterrânicas*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- SANTO, Gabriel do Espírito, *Batalha do Ameixial e de Montes Claros. 1640-1668*, Porto, 2006.
- SANTOS PÉREZ, José Manuel y Sousa, George F. Cabral, *El desafio Holandês al Domínio Ibérico en Brasil en el siglo XVII*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2006.
- SARAIVA, G. Mendes da Cunha, *A Região de Ribacoa e um Autógrafo de Brás Garcia*, Coimbra Editora. 1930.
- SILVA, José Manuel de Azevedo e Silva, *O Brasil colonial*, Coimbra, FLUC, 2005.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano e BARATA, Manuel Themudo Barata (dir), *Nova História Militar de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, vol. II.
- VASCONCELOS, António de, *Bras Garcia Mascarenhas. Estudo de investigação histórica*, Reedição fac-similada com apresentação de MARTINS, José V. de Pina, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- VASCONCELOS, António de, *Evolução do Culto de D. Isabel de Aragão*, Coimbra, 1894.
- VAZ, Fernando Henrique, *Viriato Trágico e Bras Garcia Mascarenhas*, Lisboa, 1964.

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	Pág. 1
Frontispício da 1ª Edição de V.T.....	Pág. 7
1ª Parte – O Homen e a Terra	
Cap. I – Origens de Brás Garcia.....	Pág. 8
Cap. II – A Terra de nascimento – Avô. O Vale do Alva.....	Pág. 15
Cap. III – Juventude e Adolescência.....	Pág. 22
Cap. IV – Prisão em Coimbra.....	Pág. 25
Cap. V – Homiziado por Terras da Beira e Madrid.....	Pág. 30
Cap. VI – A Estadia no Brasil.....	Pág. 35
Cap. VII – Regresso à Pátria.....	Pág. 39
2ª Parte – A Participação de Brás Garcia nas Campanhas Militares da Guerra da Restauração	
Cap. I – Causas Gerais da Revolução.....	Pág. 55
Cap. II – Organização Militar.....	Pág. 59
Cap. III – A Prisão no Sabugal.....	Pág. 65
Cap. IV – Uma pausa na Guerra: o casamento de Brás Garcia.....	Pág. 75
Cap. V – “Leva” na Comarca de Esgueira.....	Pág. 78
Cap. VI – Finalmente só em Avô.....	Pág. 81
Cap. VII – Autógrafos de Brás Garcia.....	Pág. 87 e 96
Cap. VII – A Memória de Brás Garcia em Avô.....	Pág. 97
Conclusão.....	Pág. 100
Fontes e Bibliografia.....	Pág. 102 a 105
Índice Geral.....	Pág. 106
Índice de Estampas.....	Pág. 107
Índice Fac-simile de Documentos.....	Pág. 108

ÍNDICE DE ESTAMPAS/FOTOGRAFIAS

- Imagem de Brás Garcia - 2ª Edição de V.T.....Inicial
- Frontespício da 1ª Edição de V.T.....Pág. 7
- Brasão de Armas dos Garcia Mascarenhas.....Pág. 11
- Brasão de Armas dos Madeira Arrais.....Pág. 12
- Antiga Via Roma em mau estado.....Pág. 19
- Antiga Via Romana em menos mau estado.....Pág. 20
- Paços Concelho e Pelourinho de Avô.....Pág. 21
- “ Um Filho do Vento, um Prado Tosa”.....Pág. 27
- Planta do Largo da Portagem no Século XVI.....Pág. 29
- Casa Primitiva de Marcos Garcia.....Pág. 41
- Porta Principal da Casa Primitiva.....Pág. 41
- Casa no Séc. XX antes do restauro em curso.....Pág. 42
- Fachada Lateral Actual da Casa, agora em restauro.....Pág. 43
- Fachada Principal Actual da Casa, agora em restauro.....Pág. 43
- Arco Romano da Bobadela e Fórum.....Pág. 44
- Anfiteatro Romano da Bobadela, em Ruínas.....Pág. 45
- Anfiteatro Romano da Bobadela, Restaurado.....Pág. 45
- Capelas de S. Brás e de Sº António.....Pág. 50
- Presbitério e Residência de Farinha Podre.....Pág. 53
- Ponte sobre o Rio Alva.....Pág. 54
- Igreja Matriz de Avô.....Pág. 54
- Planta da Fortaleza de Alfaiates no Século XVI.....Pág. 61
- Vista Aérea Actual da Fortaleza de Alfaiates.....Pág. 62
- Antiga Casa de Brás Garcia em Alfaiates.....Pág. 64
- Imagem de D. Sancho Manuel de Vilhena.....Pág. 69
- Castelo do Sabugal.....Pág. 71
- Porta da Prisão de Brás Garcia em Sabugal.....Pág. 71
- Busto de Brás Garcia.....Pág. 98
- Ruínas do Castelo de Avô.....Pág. 99

ÍNDICE FAC-SIMILE DE DOCUMENTOS

- Assento de Casamento de Marcos Garcia com Helena Madeira.....Pág. 10
- Assento de Baptismo de Brás Garcia (1596).....Pág. 13
- Assento de Baptismo de D. Maria, esposa do Poeta (1618).....Pág. 14
- Assento de Casamento de Brás Garcia com Maria da Costa.....Pág. 77
- Autógrafo de Brás Garcia, conhecido até 1922 de Brás Garcia.....Pág. 87
- Autógrafo de Brás Garcia, conhecido em 1929.....Pág. 96